

AGÊNCIA
ECCLESIA

Beato João Paulo II

Edição Especial da Agência Ecclesia

1 de Maio de 2011

Índice

O homem que veio de longe	2
Recordes e curiosidades do Pontificado	5
Os momentos do Pontificado	7
As viagens do Papa	9
Programa litúrgico da beatificação	11
Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa	12
João Paulo II, santo, místico em razão (Entrevista ao Cardeal Saraiva Martins)	15
Legado doutrinal e pastoral de João Paulo II (D. António Marcelino)	17
Karol Wojtyła no Concílio Vaticano II (Senra Coelho (ISTE, CEHR-UCP)	02
Abri a portas ao Redentor (Juan Ambrosio, FT/UCP)	24
Os mistérios de Fátima (Aura Miguel, Jornalista)	26
Quando a Madeira recebeu um santo Papa (Sílvio Mendes, jornalista)	28
Quem ainda se recorda? (Fernando Pinho, jornalista)	29
Sacrificio della Madonna (Francisco Noronha de Andrade, Servita)	30
João Paulo II, humilde peregrino da paz (Pax Crhisti)	34
João Paulo II e a Paz Mundial (Diogo Freitas do Amaral)	35

Diretor: Paulo Rocha. Chefe de Redação: Octávio Carmo. Redação: José Carlos Patrício, Lígia Silveira, Luís Filipe Santos, Rui Martins, Sónia Neves. Correspondentes: António Pinheiro (Roma). Paginação: Manuel Costa. Secretaria: Ana Gomes. Colaboração: Maria Fernanda Silva. Grafismo: Manuel Costa
AGÊNCIA ECCLESIA: nº registo 109665; Propriedade: Conferência Episcopal Portuguesa - Secretariado Nacional das Comunicações Sociais da Igreja, pessoa Coletiva nº 500966575, NIB: 0018 0000 10124457001 82. Redação e Administração: Quinta do Cabeço, Porta D - 1885-076 MOSCAVIDE. Tel.: 218855472; Fax: 218855473. agencia@ecclesia.pt; www.agencia.ecclesia.pt

O homem que veio de longe

A 14 de janeiro de 2011, era anunciado no Vaticano que Bento XVI aprovava a publicação do decreto que comprovava um milagre atribuído à intercessão de João Paulo II (1920-2005), concluindo assim o processo para a sua beatificação.

O Papa polaco, o primeiro do mundo eslavo, foi uma das figuras mais marcantes da história recente, na Igreja e no mundo, e deixou atrás de si a herança de um longo Pontificado de 26 anos e meio (1978-2005) o terceiro mais longo da história da Igreja.

Karol Wojtyla nasceu no dia 18 de maio de 1920 em Wadowice, no sul da Polónia, filho de Karol Wojtyla, um militar do exército austro-húngaro, e Emília Kaczorowsky, uma jovem de origem lituana.

Em 1938 foi admitido na Universidade Jagieloniana, onde estudou poesia e drama. Durante a II Guerra Mundial (1939- 1945) esteve numa mina em Zakrzowek, trabalhou na fábrica Solvay e manteve uma intensa atividade ligada ao teatro, antes de

começar clandestinamente o curso de seminarista.

Durante estes anos teve que viver oculto, junto com outros seminaristas, que foram acolhidos pelo Cardeal de Cracóvia.

Ordenado sacerdote em 1946, vai completar o curso universitário no Instituto Angelicum de Roma e doutora-se em teologia na Universidade Católica de Lublin, onde foi professor de ética.

No dia 23 de setembro de 1958 foi consagrado bispo auxiliar do administrador apostólico de Cracóvia, convertendo-se no membro mais jovem do episcopado polaco.

Participou no Concílio Vaticano II, onde colaborou ativamente, de maneira especial, nas comissões responsáveis na elaboração da Constituição Dogmática Lumen Gentium e a Constituição conciliar Gaudium et Spes.

No dia 13 de janeiro de 1964, Wojtyla assume a sede episcopal de Cracóvia. Dois anos depois, o Papa Paulo VI converte Cracóvia em arquidiocese.

Durante este período, como arcebispo, o futuro Papa caracte-





rizou-se pela integração dos leigos nas tarefas pastorais, pela promoção do apostolado juvenil e vocacional, pela construção de templos apesar da forte oposição do regime comunista, pela promoção humana e formação religiosa dos operários e também pelo estímulo ao pensamento e publicações católicas. O então arcebispo Wojtyła representou igualmente a Polónia em cinco sínodos internacionais de bispos entre 1967 e 1977. Em maio de 1967, aos 47 anos, foi criado cardeal pelo Papa Paulo VI.

Após a morte deste Papa e do seu predecessor, João Paulo I, o cardeal Karol Wojtyła é eleito como novo Papa, o dia 15 de outubro de 1978 - primeiro não-italiano desde 1522, ano da eleição do holandês Adriano VI.

Tendo-se formado num contexto diferente dos Papas anteriores, João Paulo II viria a imprimir na Igreja um novo dinamismo, impondo ao mesmo tempo um maior rigor teológico e disciplinar.

A sua beatificação, marcada para o dia 1 de maio, vai decorrer sob a presidência do atual Papa, o que acontece pela segunda vez no pontificado de Bento XVI, que apenas preside, por norma, às cerimónias de canonização.

Milagre

Tendo em vista a beatificação, a postulação da causa apresentou a exame da Congregação para as Causas dos Santos (CCS) a cura da “Doença de Parkinson” da irmã Marie Simon Pierre Normand, religiosa do Instituto das Irmãs das Maternidades Católicas (Institut des Petites Soeurs des Maternités Catholiques).

“Como habitualmente, os numerosos atos de inquérito canónico, regularmente instruídos, unidos às detalhadas perícias médico-legais, foram submetidas ao exame científico da consulta médica do Dicasterio das Causas dos Santos a 21 de outubro de 2010”, revelou a Santa Sé, em nota oficial, aquando do anúncio da beatificação.

Os peritos da CCS, acrescenta o documento, “depois de ter estudado com a habitual meticulosidade os testemunhos processuais e toda a documentação, manifestaram-se a favor da inexplicabilidade científica da cura”.

Os consultores teólogos, depois de ter visto as conclusões médicas, a 14 de dezembro de 2010, procederam à “avaliação teológica do caso”, reconhecendo unanimemente que a intercessão de João Paulo II tinha sido “eficaz para o fim da cura prodigiosa”.

Finalmente, a 11 de janeiro de 2011, teve lugar a sessão ordinária de cardeais e bispos da CCS, os quais emitiram uma “sentença afirmativa unânime” a respeito da cura da irmã Marie Simon Pierre.

A cura, pode ler-se, foi “cumprida por Deus, de modo cientificamente inexplicável, na sequência da intercessão do sumo pontífice João Paulo II, confiantemente invocado, seja pela própria curada, seja por muitos outros fiéis”.

A CCS prepara tudo o que é necessário para que “o Papa possa propor novos exemplos de santidade”, apresentando resultados sobre os milagres, martírio e virtudes heroicas de vários fiéis.

Internet

O Vaticano lançou uma página oficial na rede social Facebook para a beatificação de João Paulo II, através da sua Rádio e Centro Televisivo, estendendo-se, além do Facebook (www.facebook.com/vatican.johnpaul2) ao canal de partilha de vídeos Youtube (www.youtube.com.giovannipaoloi).

Através aplicação «Pope2You» é possível enviar postais e convites para acompanhar a beatificação. A vigília de oração vai ser transmitida em www.pope2you.net

O Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais vai disponibilizar um serviço fotográfico da cerimónia de beatificação: <http://picasaweb.google.com/intermirifica.net> e <http://www.flickr.com/groups/intermirificanet>

Recordes e curiosidades do Pontificado

Os 26 anos e meio de Pontificado de João Paulo II estão marcados pelos números mais surpreendentes e muitas “primeiras vezes” históricas:

- Além de ter sido o primeiro Papa polaco, foi o primeiro oriundo de uma país comunista – numa altura em que ainda existia a “cortina de ferro” na Europa.
- Foi um jovem que demonstrou grande interesse pelo teatro e literatura polaca.
- Trabalhou duramente numa mina.
- Quando gozou de boa saúde foi praticante de esqui, montanhismo e remo.
- É o primeiro Papa a repetir nomes dos seus dois imediatos predecessores.
- É o único Papa a ter sido atingido a tiro na rua.
- É o único pontífice católico que deu entrada num hospital público até hoje.
- Segundo uma sondagem nos EUA, o que mais cativa na sua figura é o sorriso, a devoção mariana, o domínio de várias línguas e o seu amor às crianças e aos pobres.
- João Paulo II ocupou o primeiro lugar numa sondagem que pedia a alunos do secundário de Portugal, Espanha e América Latina para indicarem “a pessoa que mais admiram”.
- No Natal costuma oferecer aos amigos, cardeais e todos os trabalhadores no Vaticano uma garrafa de vinho e um pão doce de limão com passas.
- Vai confessar em todas as Sextas-feiras Santas na Basílica de São Pedro. Baptiza na sua capela privada os filhos dos seus amigos ou dos seus mais modestos colaboradores. Já casou um serralheiro com uma mecanógrafa.
- Em Março de 2003 o Vaticano apresentou o sexto livro de poemas místicos escritos pelo Papa, o “Tríptico Romano”.
- Realizou três exorcismos durante o Pontificado, sendo o mais conhecido o realizado a uma jovem, em 1982, que se mostrou muito agitada durante a audiência geral.
- No dia 13 de Abril de 1986 realizou um gesto histórico ao visitar a sinagoga de Roma.



- Pediu perdão pelas faltas humanas cometidas pela Igreja Católica numa intervenção a 12 de Março de 2000, ano do Jubileu.
- É o primeiro Papa a ter rezado numa Mesquita, na Síria, um gesto que muitos sectores mais conservadores não receberam de bom grado.
- Em Maio de 2002 reuniu-se na Praça de São Pedro com centenas de antigas prostitutas, durante a audiência geral.
- Nesse mesmo mês, depois do encontro ecuménico de oração em Assis, enviou uma mensagem aos chefes de Estado convidando-os a adoptar 10 compromissos pela paz mundial.
- Recebeu no Vaticano uma delegação oficial da Igreja Ortodoxa Grega, a primeira desde o cisma de 1054.
- Em Agosto de 2002 celebrou uma Missa em Cracóvia que reuniu 2 milhões de fiéis, a maior de toda a história.



- No dia 14 de Novembro de 2002 visitou o parlamento italiano, algo que o Papa não fazia há 150 anos. O seu discurso foi tão eloquente que o mafioso Benedetto Marciante, capo de la Cosa Nostra, se entregou à polícia romana.
- Os pensamentos do Papa já estão disponíveis por SMS em vários países.
- Em Junho de 2003 completou as 100 viagens apostólicas, na Croácia.
- Uma montanha do Polo Sul tem o nome do Papa João Paulo II, como homenagem aos seus 25 anos de Pontificado.
- Proclamou 1.338 beatos, canonizou 482 santos, mais do que em todos os Pontificados desde a criação da Congregação dos Ritos (hoje Congregação para as Causas dos Santos) em 1588.
- Convocou 9 consistórios para a criação de cardeais e nomeou 232 cardeais, um dos quais “in pectore”.
- João Paulo II tem o 3º maior Pontificado da história
- Após 26 anos de Pontificado, João Paulo II realizou 104 viagens apostólicas fora da Itália, a que se juntam 146 nesse país.
- Visitou 129 países diferentes e mais de mil cidades, num total de 1.162.008 quilómetros percorridos, suficientes para mais de três viagens entre a terra e a lua e 29 voltas à terra.
- Nestas viagens pronunciou 3288 discursos e esteve fora do Vaticano um total de dias correspondentes a dois anos e três meses.
- Escreveu 14 encíclicas, 15 exortações apostólicas, 11 constituições apostólicas, 46 cartas apostólicas.
- O Papa encontrou-se com 17,5 milhões de pessoas em 1164 audiências semanais. Mais de Mil Chefes de Estado e de Governo passaram pelo Vaticano.

Os momentos do Pontificado

1978 - A 16 de Outubro, o arcebispo polaco Karol Wojtyła é eleito Papa, tornando-se no primeiro Pontífice não italiano em 456 anos e o mais jovem em 132 anos.

1979 - A 25 de Janeiro realiza a primeira viagem apostólica fora da Itália. Em Puebla participa na III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano.

Primeira encíclica “Redemptor hominis”, sobre o homem resgatado por Cristo.

1980 - Encíclica “Dives in misericordia”, sobre a paternidade divina.

1981 – Em Janeiro recebe Lech Walesa em Roma.

A 13 de Maio sofre um atentado na Praça de São Pedro. O autor dos disparos, o turco Ali Agca, é condenado a prisão perpétua.

Encíclica “Laborem exercens”, sobre o trabalho.

1982 – Recebe Yasser Arafat no Vaticano.

Em Maio vai a Fátima agradecer a protecção recebida por Nossa Senhora durante o atentado em Itália, mas vê-se envolvido num novo atentado quando o padre espanhol José Maria Krohn o tenta apunhalar.

1983 – A viagem apostólica à Polónia é envolvida num ambiente triunfal.

Em Dezembro visita na prisão o autor do atentado da Praça de São Pedro, Ali Agca.

1985 - Recebe o primeiro-ministro israelita Shimon Peres.

Em Agosto parte para África e visita Marrocos, onde fala a uma multidão de jovens muçulmanos.

1986 - Em Abril visita a sinagoga de Roma.

Em Outubro patrocina o primeiro encontro inter-religioso na cidade de Assis, onde estão reunidos 130 representantes de várias religiões.

1987 - Recebe o patriarca ecuménico de Constantinopla, Dimitrios.

Encíclica “Redemptoris mater”, sobre a Virgem Maria.

1988 – Excomunhão de Monsenhor Marcel Lefebvre.

Carta apostólica sobre a dignidade da mulher.

1989 - Jornada Mundial da Juventude em Santiago de Compostela.

Em Dezembro recebe no Vaticano Mikhail Gorbatchev.

1991 - O presidente polaco, Lech Walesa, é recebido pelo Papa.

Nova deslocação a Portugal.

Encíclicas “Redemptoris Missio”, sobre a actividade missionária, e “Centessimus annus” sobre a Doutrina Social da Igreja.

1992 - A Santa Sé reconhece a Federação Russa e estabelece relações diplomáticas com a Croácia, Eslovénia e Ucrânia.

1993 - Em Dezembro assina acordo fundamental entre o Vaticano e Israel.

Encíclica “Veritatis Splendor”, sobre o ensinamento moral da Igreja.

1994 - Contactos permanentes entre o Vaticano e a Organização pela Libertação da Palestina.

1995 - Jornada Mundial da Juventude nas Filipinas, que reúne mais de quatro milhões de participantes.

Encíclicas “Evangelium Vitae”, sobre o valor e inviolabilidade da vida humana, e “Ut unum sint”, sobre o ecumenismo.

1996 - João Paulo II recebe em audiência o Presidente da Autoridade Palestiniana, Yasser Arafat.

1997 – Jornada Mundial da Juventude em Paris.



1998 - Visita apostólica a Cuba, onde é recebido por Fidel Castro
Encíclica “Fides et Ratio”, sobre a relação entre a Fé e a razão.

1999 - Viagem à Roménia, primeira a um país predominantemente ortodoxo.
Início do Grande Jubileu do Ano 2000 e abertura da Porta Sagrada da Basílica de São Pedro.

2000 - Peregrinação ao monte Sinai e à Terra Santa.
Beatificação dos videntes Jacinta e Francisco em Portugal e revelação do terceiro segredo de Fátima.
Jornada Mundial da Juventude em Roma.

2001 - Peregrinação à Grécia, Síria e Malta, seguindo os passos do apóstolo Paulo.

2002 - Jornada de Oração pela paz em Assis.
Jornada Mundial da Juventude em Toronto.

2003 - Completa a centésima viagem apostólica, na Croácia.
Encíclica “Ecclesia de Eucharistia”, sobre o mistério eucarístico.
25º aniversário do Pontificado.

2004 - No dia 14 de Março, o Pontificado de João Paulo II torna-se o terceiro mais longo da história da Igreja Católica.
Assinatura de uma declaração comum com o Patriarca Ecuménico de Constantinopla, Bartolomeu I.

2005 – No dia 1 de Fevereiro é internado na clínica Gemelli, na sequência de complicações respiratórias. Esteve internado até 10 de Fevereiro.
A 24 de Fevereiro, após novo internamento, é submetido a uma traqueotomia para facilitar as funções respiratórias.
No dia 2 de Abril, após uma paragem cardíaca e uma infecção generalizada, o Papa morre no Vaticano.

As viagens do Papa

Após 26 anos e meio de Pontificado, João Paulo II realizou 104 viagens apostólicas fora da Itália, a que se juntam 146 nesse país. Visitou 129 países diferentes e mais de mil cidades, num total de 1.162.008 quilómetros percorridos, suficientes para mais de três viagens entre a terra e a lua e 29 voltas à terra.

Nestas viagens pronunciou mais de 3 mil discursos e esteve fora do Vaticano um total de dias correspondentes a dois anos e três meses.

1979	República Dominicana, México e Bahamas	República de San Marino, Rímini (Itália)	1986	Índia
	Polónia	Espanha		Colômbia e Sta. Lúcia
	Vêneto (Itália)	1983		França
	Loreto e Ancona (Itália)	Lisboa		Assis (Itália)
	Irlanda	Costa Rica, Nicarágua, Panamá, El Salvador, Guatemala, Honduras, Belize e Haiti		Bangladesh, Singapura, Ilhas Fidji, Nova Zelândia, Austrália e Seychelles
	Estados Unidos da América	Polónia	1987	
	Pompeia e Nápoles (Itália)	Lourdes (França)		Uruguai, Chile e Argentina
	Turquia	Áustria		Alemanha Federal
1980				Polónia
	Zaire, Rep. Congo, Quénia, Alto Volta, Costa do Marfim	1984		Estados Unidos da América e Canadá
	França	Coreia, Papua Nova Guiné, Ilhas Salomão e Tailândia	1988	
	Brasil	Suíça		Uruguai, Bolívia, Paraguai e Peru
	Alemanha Federal	Canadá		Áustria
	Nápoles, Potenza, Balvano, Avellino (Itália)	Zaragoza (Espanha), Santo Domingo (República Dominicana) e San Juan (Porto Rico)		Zimbabwe, Botswana, Lesoto, Suazilândia e Moçambique
1981		1985		Instituições Europeias de Estrasburgo e às Dioceses de Estrasburgo, Metz e Nancy (França)
	Paquistão, Filipinas e Guam (EUA), Japão e Anchorage (EUA)	Venezuela, Equador, Peru e Trinidad e Tobago	1989	
1982		Loreto (Itália)		Madagáscar, La Réunion, Zâmbia e Malawi
	Nigéria, Benin, Gabão e Guiné Equatorial	Holanda, Luxemburgo e Bélgica		Noruega, Islândia, Finlândia, Dinamarca e Suécia
	Portugal	Togo, Costa do Marfim, Camarões, República Centro-Africana, Zaire, Quénia e Marrocos		Santiago de Compostela e Astúrias (Espanha)
	Grã-Bretanha	Suíça		Coreia, Indonésia e Maurícias
	Brasil e Argentina			
	Genebra (Suíça)			



1990

Cabo Verde, Guiné Bissau, Mali, Burkina-Fasso e Chade
 Checoslováquia
 México e a Curaçao
 Malta
 Tanzânia, Burundi, Ruanda e Costa do Marfim

1991

Portugal
 Polónia (Częstochowa)
 Hungria
 Brasil

1992

Senegal, Gâmbia e Guiné
 Angola e São Tomé e Príncipe
 Santo Domingo (República Dominicana)

1993

Benin, Uganda e Sudão
 Albânia
 Espanha
 Jamaica, México (Mérida) e Estados Unidos (Denver)
 Lituânia, Letónia e Estónia

1994

Zagreb (Croácia)

1995

Filipinas, Papua Nova Guiné, Austrália e Sri Lanka
 República Checa
 Bélgica e Eslováquia
 Loreto (Itália)
 Camarões, África do Sul e Quênia
 Estados Unidos da América
 Palermo (Itália)

1996

Guatemala, Nicarágua, El Salvador e Venezuela
 Tunísia
 Eslovénia
 Alemanha



Hungria
 França

1997

Sarajevo (Croácia)
 República Checa
 Líbano
 Polónia
 Paris (França)
 Bolonha (Itália)
 Rio de Janeiro (Brasil)

1998

Umbria e Marcas (Itália)
 Cuba
 Nigéria
 Vercelli e Turim (Itália)
 Áustria
 Chiávares e Bréscia (Itália)
 Croácia

1999

México e Estados Unidos
 Roménia
 Ancona (Itália)
 Polónia
 Eslovénia
 Índia e Geórgia

2000

Monte Sinai
 Terra Santa
 Fátima

2001

Peregrinação Jubilar "Seguindo os passos de São Paulo Apóstolo": Grécia, Síria e Malta
 Ucrânia
 Frosinone (Itália)
 Cazaquistão e Arménia

2002

Assis
 Ísquia (Itália)
 Azerbaijão e Bulgária
 Canadá, Guatemala e México
 Polónia

2003

Espanha
 Croácia
 Bósnia-Herzegovina
 Eslováquia
 Pompeia (Itália)

2004

Suíça
 França
 Loreto (Itália)

Programa litúrgico da beatificação

O programa completo das celebrações ligadas à beatificação de João Paulo II inicia-se a 30 de abril com uma vigília ao ar livre, no Circo Máximo, com presidência do cardeal Vallini, que inclui a evocação de palavras e imagens de João Paulo II, seguida de testemunhos de pessoas que privaram de perto com Karol Wojtyła, nomeadamente Joaquín Navarro-Valls, que foi porta-voz do Vaticano, o cardeal Stanislaw Dziwisz, arcebispo de Cracóvia e secretário pessoal do Papa, bem como a religiosa francesa Marie Simon-Pierre, cuja cura milagrosa, atribuída à intercessão de João Paulo II, abriu caminho para a beatificação.

Nesta ocasião, vai ser apresentado o hino de beatificação de João Paulo II, intitulado «Abram as portas a Cristo».

Na segunda parte da vigília, tem lugar a recitação do Rosário, em ligação direta com cinco santuários, incluindo Fátima, em Portugal. Após este momento, Bento XVI vai recitar a oração final e dar a sua bênção apostólica, em ligação televisiva, desde o Vaticano.

Na noite de sábado para domingo, oito igrejas do centro de Roma permanecerão abertas aos fiéis que queiram velar em oração, numa iniciativa denominada «noite branca».

A Missa da beatificação, no dia 1 de maio, presidida por Bento XVI, tem lugar na praça de São Pedro, às 10h00 (hora local, menos uma em Lisboa), podendo os fiéis entrar, livremente, a partir das 05h00. Uma hora antes do início da cerimónia decorre um momento de oração centrado sobre a tema da divina misericórdia, que, por decisão do próprio João Paulo II, é recordada nesse domingo da oitava da Páscoa.

Na segunda-feira, 2 de maio, na mesma Praça de São Pedro, às 10h30, será celebrada uma eucaristia em honra do novo beato presidida pelo cardeal Tarcisio Bertone, secretário de Estado do Vaticano.

Esta celebração vai ser animada pelo coro da diocese de Roma,



com a participação do coro de Varsóvia e da Orquestra sinfónica de Wadowice, da Polónia.

O corpo de João Paulo II vai ser trasladado a 29 de abril para junto do túmulo de São Pedro, nas grutas do Vaticano, passando, no dia 1 de maio, para o altar da confissão, dentro da basílica, onde vai ser exposta à veneração dos fiéis.

A sepultura dos restos mortais de João Paulo II na capela de São Sebastião, andar principal da basílica, vai ser feita de forma privada, no dia 2, na capela de São Sebastião, localizada na nave da basílica do Vaticano, junto da famosa «Pietà» de Michelangelo.

2500 voluntários e uma linha telefónica em várias línguas – 060606 – vão estar a postos para ajudar os peregrinos que se deslocarem ao Vaticano para a celebração. Neste momento, decorrem obras nas zonas adjacentes à Praça de São Pedro, no Vaticano, e está a ser preparada uma área que permita aos jovens pernoitarem, fora do centro de Roma.

A organização do evento criou ainda o «JP2-pass», com custo de 18 euros, que vai permitir, durante três dias, o acesso aos transportes públicos urbanos dentro de Roma, até às duas da manhã, e aos comboios na linha Roma-Ostia.

A missa de 1 de maio, está aberta gratuitamente a todos os que quiserem participar e consigam aceder à Praça de São Pedro.

Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa

1. Os santos actualizam o Evangelho

No próximo dia 1 de Maio, a Igreja vai beatificar o Papa João Paulo II. A beatificação de alguém é a celebração agradecida pela vida e testemunho cristãos de um homem ou de uma mulher, proclamando a sua virtude e oficializando o seu culto público. Reconhecido o seu alto grau de santidade, isto é, provadas as suas «virtudes heróicas» e confirmadas por um milagre, a pessoa beatificada é proposta à veneração dos crentes como modelo, estímulo e intercessora junto de Deus.

Só Deus é verdadeiramente Santo. Mas todos os baptizados tornam-se «santos», como com toda naturalidade lhes chama S. Paulo nas suas cartas, por participação na vida e santidade de Cristo. No amor e na fidelidade ao Espírito Santo e à missão recebida da Igreja, a santidade original reflecte-se na santidade de carácter moral, que é um caminho feito de entrega e aperfeiçoamento espiritual no serviço de Deus e do próximo. É essa santidade que a Igreja, tantas vezes ao longo dos séculos, propõe aos contemporâneos e vindouros, como testemunho de qualidade humana e desafio de crescimento, como nos recorda o Concílio Vaticano II: «Todos os cristãos são chamados à santidade e obrigados a tender à perfeição do próprio estado de vida» (LG, 42). O viver cristão é um caminho de perfeição, que leva à felicidade verdadeira.

Cada santo, a seu modo e no seu tempo, distingue-se pelo grau elevado da sua comunhão pessoal com Cristo, que se revela sempre de um modo único e diferente, conforme os carismas e caminhos próprios com que respondeu à graça e aos sinais dos tempos.

Ao beatificar João Paulo II, a Igreja está a sublinhar certos traços de uma santidade particular, considerando que não só merece ser conhecida e admirada, como pode ser luz que guia e estimula a prosseguir nos caminhos da conversão ao amor de Deus e do serviço aos homens e mulheres dos nossos dias.

2. Santidade: graça e liberdade em diálogo

Todos os santos foram pessoas que se tornaram notáveis sinais da presença de Deus, pela forma como responderam aos desafios da sua época. Esses nossos contemporâneos são muitas vezes gente comum e nem sempre são logo reconhecidos como quem está reflectindo o amor de Deus. Há, certamente, inumeráveis «santos desconhecidos», fora dos catálogos oficiais. Mas, quando conhecidos, logo nos apercebemos que as suas vidas adquiriram tal elevação que podem inspirar, de modo universal, os ideais cristãos de transformação do mundo em Reino de Deus, seja qual for o tempo e a geografia.

A santidade é fruto da relação entre a Graça de Deus e a Liberdade humana. Esse diálogo, cheio de mistério e de comunhão, exige sempre mais despojamento do próprio «eu», aumentando o ânimo para agir. É próprio do amor, dado e recebido, libertar a liberdade. A pessoa assim tocada nas suas actividades e passividades revela como o amor de Deus continua actuante e actual, vindo através dela, frágil instrumento, ao encontro das alegrias e tristezas de todos os que procuram a luz, a paz e o sentido da existência.

O santo é um pecador de tal modo agraciado e libertado que se tornou para o mundo um sinal de esperança e revelação de um Deus vivo com quem se pode contar, porque Ele conta connosco.

A vida do Papa João Paulo II é, sem dúvida, um desses sinais irradiantes de esperança.

3. Traços da santidade de João Paulo II

Entre tantas qualidades e virtudes, apontamos quatro grandes traços da personalidade e da missão do Papa João Paulo II, indicando como nele se actualizou o Evangelho de Jesus Cristo.

3.1. Homem de intensa vida interior que se comunica

Quem não se lembra do modo intenso e profundo como celebrava a Eucaristia, como se recolhia longamente em oração, onde quer que chegasse, e a devoção com que falava espontaneamente de Cristo e de Nossa Senhora?

Ao mesmo tempo, manifestava uma invulgar capacidade de comunicação pessoal, tanto diante das multidões, como em particular, atraindo magneticamente tantos jovens, entre os quais muitos que se afirmavam estar distantes da Igreja.

A 14 de Maio de 1982, no Parque Eduardo VII, em Lisboa, João Paulo II assim se dirigia aos jovens: «É sabido como sois sensíveis à tensão entre o bem e o mal que existe no mundo e em vós próprios... Contudo, caros jovens, para além destas tensões, possuíis uma aptidão quase conatural para evangelizar. Porque a evangelização não se faz sem entusiasmo juvenil... sem alegria, esperança, transparência, audácia, criatividade, idealismo... Sim, a vossa sensibilidade e a vossa generosidade espontânea, a tendência para tudo o que é belo, tornam cada um de vós um aliado natural de Cristo... Só em Cristo encontrareis resposta aos próprios problemas e inquietações. E sabeis porquê: ele foi o homem que mais amou». E, no dia seguinte ao chegar a Coimbra, não hesitou em pôr aos ombros a capa preta que um estudante lhe ofereceu e, no pátio da Universidade, gritou à multidão: «Olá, malta! O Papa conta convosco! Melhor, Cristo conta convosco!».

3.2. Profeta de audazes intervenções em nome da justiça e da paz

Nas primeiras palavras que disse ao povo reunido na Praça de S. Pedro, logo depois de ser eleito Papa, assim nos exortou: «Não tenhais medo!». E ele foi um homem sem medo, ao enfrentar muitas e difíceis situações políticas, sociais e morais, intervindo desassombadamente. Foi um homem corajosamente sem medo em relação às políticas internacionais, nomeadamente do Leste europeu. Não restam dúvidas acerca do seu papel na queda de regimes comunistas totalitários, na promoção dos direitos humanos e na defesa da vida e dos valores morais. Apontando sempre caminhos de reconciliação e paz, viajou por todo o mundo, correndo todos os riscos, na actualização da missão de Jesus Cristo, em incansáveis acções de nova evangelização.

3.3. Servidor do amor e ternura pelos mais fracos e do perdão aos inimigos

João Paulo II manifestou sempre uma particular atenção e carinho para com as crianças, os mais pobres e frágeis. Era comovente quando, cheio de alegria e seriedade, ultrapassava o protocolo e tocava nas crianças e doentes. Mas deve sublinhar-se aqui o gesto mais audazmente evangélico: a visita ao seu próprio agressor, na prisão, e a longa conversa que manteve com ele, num gesto ousado de perdão, repleto da compaixão de Deus amor.

3.4. Testemunha da alegria na saúde e na doença, com máximo respeito pela vida

Por fim, destacamos o modo humilde e sereno como encarou a sua doença, a aceitação da sua imagem desfigurada, e a própria incapacidade de falar, sem vergonha de apresentar a sua verdade publicamente, solidário com todos os que sofrem.

Lutou até ao fim sem desistir de estar presente para comunicar a fé, a certeza do amor de Deus, em todas as circunstâncias, mesmo naquelas que o mundo já não quer ver ou a que retirou a dignidade. Todas estas limitações são aceites por um homem com um passado em que cultivou a arte e o desporto, com saúde robusta e temperamento forte. Mesmo já gravemente doente e na despedida deste mundo, deu-nos eloquentes lições, como mestre e pastor até ao fim.

4. A santidade ao alcance de todos

O Papa, que agora vai ser beatificado, assim nos exortava numa Carta apostólica à entrada do novo milénio: «Os caminhos da santidade são variados e apropriados à vocação de cada um. Agradeço ao Senhor por me ter concedido, nestes anos, beatificar e canonizar muitos cristãos, entre os quais numerosos leigos que se santificaram nas condições ordinárias da vida. É hora de propor de novo a todos, com convicção, esta “medida alta” da vida cristã ordinária: toda a vida da comunidade eclesial e das famílias cristãs deve apontar nesta direcção» (NMI, 31). A santidade não está reservada a um grupo restrito de génios e heróis da virtude. Com a graça de Deus, está ao alcance de todos dar alta qualidade de amor à vida comum.

A beatificação do Papa João Paulo II é um chamamento e uma oferta que a Igreja faz a todos os homens e mulheres de boa vontade. Somos convidados a dar graças a Deus pela vida e acção deste Papa, por todo o bem e estímulo que nos continua



a transmitir pelo seu exemplo e intercessão.

Somos também convidados a agradecer e a acolher a bondade de Deus que, mais uma vez, se revela atento às nossas necessidades e alegrias, tristezas e esperanças, suscitando sempre, no momento certo, pessoas disponíveis a apontar, de forma renovada, Jesus Cristo, caminho seguro, verdade luminosa e vida abundante.

5. Celebração nacional em Fátima

Para além das iniciativas que as diversas comunidades cristãs acharem por bem promover, os Bispos portugueses convidam os fiéis a associar-se à comemoração, a nível nacional, da Beatificação do Papa João Paulo II, que terá lugar em Fátima, no

próximo dia 13 de Maio.

João Paulo II cultivou uma devoção autenticamente cristã a Nossa Senhora, tornando vida a sua divisa episcopal: «Totus tuus. Todo teu. Tudo o que tenho vos pertence. Sois todo o meu bem. Dai-me o vosso coração». É considerado o Papa de Fátima, que um ano depois do atentado na Praça de S. Pedro, em Roma, a 13 de Maio de 1981, veio à Cova da Iria agradecer à Rainha da Paz o ter providencialmente sobrevivido.

Que Maria, Mãe de Deus e Mãe da Igreja, nos inspire a progredir nos caminhos da santidade, a que Deus nos chama na vida comum do nosso quotidiano.

Fátima, 14 de Março de 2011

João Paulo II, santo, místico em oração

O cardeal português José Saraiva Martins conheceu de perto João Paulo II, o futuro beato da Igreja Católica, que recorda como um “místico”, muitas vezes desligado do tempo quando se encontrava em oração.

O Papa polaco nomeou-o prefeito da Congregação para a Causa dos Santos a 30 de maio de 1998, cargo em que foi confirmado por Bento XVI e que desempenhou até hoje, 9 de julho de 2008.

O prefeito emérito da Congregação para as Causas dos Santos era o responsável por este processo quando a causa de beatificação de João Paulo II começou, em 2005, como o próprio recorda à Agência ECCLESIA.

Agência ECCLESIA (AE) – A oração foi o motor da vida de João Paulo II? Que episódios recorda?

José Saraiva Martins (JSM) – Ele era um homem de oração, sem dúvida, que se recolhia frequentemente para rezar, e era uma oração contagiosa. Para mim era um grande místico.

Quando começava a rezar, esquecia-se de tudo o resto, para ele não existia mais nada, tive muitas experiências nesse sentido. Por exemplo, quando ia almoçar com ele, por motivos de trabalho, antes do almoço ele levava-nos sempre à sua capela privada: chegávamos lá, ele ajoelhava-se e estava lá muitíssimo tempo, como se nada existisse além de Deus, completamente elevado ao céu.

É um místico, um verdadeiro místico, o espírito de oração foi uma das coisas que mais me impressionou nele, não só em Roma, mas também nas viagens apostólicas, em que muitas vezes acontecia a mesma coisa. De manhãzinha, cedo, ainda nós estávamos na cama e já ele estava na capela a rezar e à noite, também.

AE – A beatificação poderá ajudar a descobrir este lado mais íntimo, a espiritualidade própria de João Paulo II?

JMS – Certamente, porque uma das suas características é a espiritualidade, o profundo espírito de oração. Outra característica da sua espiritualidade é a fé, ele realmente vivia da fé,

uma fé concreta, vivida, existencial, não abstrata.

A vida de João Paulo II foi toda iluminada pela fé, todo o seu pontificado foi uma expressão disso, o seu ministério apostólico não era mais do que a vontade que ele tinha de divulgar esta fé, em Cristo. O sentido das suas viagens consiste, essencialmente, na difusão do Evangelho da fé.

Por isso, para mim, João Paulo II foi o maior missionário dos tempos modernos.

AE – Do seu contacto com ele, o que é que o tocou mais?

JMS – A sua humanidade, uma humanidade que comovia. Já na sua primeira encíclica, «Redemptor Hominis», diz que o homem é o caminho da Igreja e no seu pontificado mais não fez do que estar ao lado do homem para promover a sua dignidade - muitas vezes profanada, ainda hoje, infelizmente -, para defender os seus direitos humanos, direitos fundamentais, sagrados, imutáveis, como dizia, e para ajudar o homem a realizar-se plenamente como tal.

A humanidade era uma das características fundamentais de João Paulo II. E porque é que era tão humano? Porque era realmente um santo.

Muitas vezes pensamos a santidade e a humanidade como realidades diferentes, opostas. Não é assim, isso é um erro: a humanidade e a santidade são duas realidades intimamente unidas entre si. Digo muitas vezes que a santidade não é mais do que a plenitude da humanidade, o santo é o que vive plenamente a sua humanidade, em toda a profundidade, em todas as suas consequências.

Estas são, a meu ver, as principais características de João Paulo II, da sua espiritualidade.

AE – Nesse sentido, impressionou-o a forma como o Papa interpretou à luz da sua fé a história da humanidade e os seus próprios sofrimentos?

JMS – Ele via tudo à luz da fé, tudo, absolutamente. Não só a sua vida, o seu apostolado, mas também os outros aspetos. Ele sofreu muitíssimo, sobretudo nos últimos tempos, mas sofria à luz da fé, procurava identificar-se com Cristo, reproduzir em si



mesmo a Paixão. Isso é muito claro: para João Paulo II existia a fé e mais nada, tudo, tudo era visto à luz dessa fé.

É um exemplo maravilhoso, sobretudo quando há tanta falta de fé no mundo de hoje, é um modelo extraordinário.

AE – Pessoalmente, esta beatificação tem significado especial para si, dado tratar-se de alguém com quem trabalhou de perto?

JMS – A beatificação de João Paulo II tem, naturalmente, um significado especial, porque Deus me concedeu de contribuir de maneira decisiva para ela. Quanto o Papa [Bento XVI] dispensou o período de espera de cinco anos após a morte, a 13 de maio de 2005, eu, emanei o decreto para que pudesse ter

início imediatamente (*statim incipi*) o processo de beatificação nas dioceses de Roma e Cracóvia.

Uma coisa curiosa é que o Papa depois anunciou oficialmente que tinha começado o processo de beatificação, num encontro com o clero romano, na basílica de São João de Latrão [Roma] lendo o meu decreto, que era o único documento jurídico que existia.

Portanto, dei início a este processo, depois, acompanhei o processo durante três, quatro anos e é uma graça muito grande. Para mim, a beatificação de João Paulo II tem um significado especial, especialíssimo. O dia 1 de maio é um dia verdadeiramente extraordinário.

Legado doutrinal e pastoral de João Paulo II

António Marcelino
bispo de Aveiro (emérito)

1. O Arcebispo de Cracóvia, Karol Wojtyła, que eleito Papa em 1978, escolheu para si o título de João Paulo II, era, já então, uma figura proeminente que a história da Igreja na Polónia não esquece. Era, também, um lutador e um homem de grande cultura, adquirida e aprofundada em escolas teológicas da Europa, de Paris e de Roma, que sabia ler o mundo, a evolução da sociedade e as correntes culturais que iam determinando a vida. Este saber e experiência o fizeram emergir no Concílio Vaticano II, mormente na colaboração que deu à elaboração da Constituição Pastoral “A Igreja no Mundo Contemporâneo” (*Gaudium et Spes*). Embora se pensasse na altura, que não seria fácil romper a tradição de um Papa sempre italiano, a verdade é que um cardeal polaco, eleito em conclave, entrou do Vaticano para realizar o serviço que a Igreja deve a si mesma e ao mundo. E aí permaneceu de 1978 a 2005, um pontificado dos mais longos e fecundos da História dos Papas.

2. São muitas as características de uma personalidade enriquecida por tão diversas facetas. Vou assinalar, apenas, a riqueza do seu magistério doutrinal, pois que ele constitui um património valioso, tanto para a Igreja como para a sociedade. Encíclicas, Exortações Apostólicas, inúmeras Mensagens, com relevo para as comemorativas dos Dias Mundiais da Paz, dos Jovens, dos Doentes, dos Migrantes, das Vocações, Cartas de Quinta Feira Santa aos presbíteros, alocações e discursos nas suas inúmeras viagens pastorais pelo mundo e, ainda, discursos aos bispos, aos responsáveis dos serviços da Sé Apostólica, aos fieis, por motivo de canonizações de novos santos, e nas mais diversas circunstâncias. Trata-se de um acervo abundante e significativo, onde se encontra doutrina e orientações para o agir diário da Igreja.

3. Num tão rico magistério, há documentos que são particularmente significativos e ajudam a perceber a linha orientadora da vida do Papa e o modo escolhido por ele para realizar a sua missão. Tudo o que viria depois, aparece definido na sua primeira Encíclica “Redentor do Homem”. Tornada pública em 4 de Março de 1979, poucos meses depois da sua eleição,

ela marca, de modo claro, o programa do pontificado de João Paulo II, ao qual ele foi sempre fiel. Impelido pela sua fé em Cristo e pela experiência de luta pela verdade que salva, o novo Papa gritou, logo na sua primeira aparição aos cristãos e ao mundo, uma palavra encorajadora de Jesus Cristo: “Não tenhais medo!” Este grito, proclamado com uma voz forte e timbrada, ficou a ressoar no tempo, como convite à coragem, galvanizadora de esperança. Depois, vemos proclamada publicamente a sua fé no Redentor do Homem, Jesus Cristo. Alguém que deve ser conhecido, aprendido, amado e seguido. E é com esta inequívoca convicção que traça, de modo claro, a missão da Igreja no mundo, quando diz nesta Encíclica programática: “A tarefa fundamental da Igreja de todos os tempos e, de modo particular do nosso, é a de dirigir o olhar do homem e de endereçar a consciência e a experiência de toda a humanidade para o mistério de Cristo, de ajudar todos os homens a ter familiaridade com a profundidade da Redenção que se verifica em Cristo Jesus. Simultaneamente, toca-se também a esfera mais profunda do homem, a esfera dos corações humanos, das consciências humanas, das vicissitudes humanas (10) Antes, afirmara que “a única orientação do espírito, a única direcção da inteligência, da vontade e do coração para nós é esta: na direcção de Cristo, Redentor do homem; na direcção de Cristo, Redentor do mundo” (7)

Desde a primeira hora, João Paulo II quer ligar o seu pontificado ao de Paulo VI, na rota da urgente evangelização das pessoas e das culturas, com o anúncio explícito da Boa Nova de Jesus aos homens concretos, de cada tempo e lugar. “É nobre e estarmos predispostos para compreender cada um dos homens, para analisar todos os sistemas e para dar razão àquilo que é justo”. Deste modo, traçou para si próprio o perfil do cristão como um “violento de Deus” capaz de se unir conscientemente a todos os outros na grande missão de “revelar Cristo ao mundo, ajudar cada um dos homens para que se encontre a si mesmo com Ele” (11)

4. Todo o desenrolar do magistério de João Paulo II e a explicação dos motivos que o levaram, sem olhar a esforços e



dificuldades, a tantos povos e nações, e a intervir sobre os mais variados temas, está aqui: mostrar Jesus Cristo ao homem concreto, com a sua cultura e história, onde quer que viva e lute. Esta a dimensão missionária que ele assumiu pessoalmente e de modo novo, e que fez dele o peregrino incansável ao serviço do Reino.

Sempre com a mesma orientação, passaram pelo seu magistério todos os grandes problemas da humanidade: a vida humana, a família, a paz, a verdade, a educação, a cultura emergente, o desenvolvimento e a solidariedade, a liberdade religiosa, as minorias sociais e étnicas, a ecologia, a mulher, os jovens, os direitos humanos, os idosos, os artistas, o diálogo intercultural, a bioética... Ela foi também o motivo de iniciativas inéditas, como os encontros de Assis.

Temas teológicos, a partir de suas propostas, se puderam aprofundar, relacionados com Deus Pai, Jesus Cristo, Espírito Santo e Maria, Mãe de Deus, com a Eucaristia, o Domingo, o Sacramento da Reconciliação... Os leigos, tal como os bispos, os presbíteros, os consagrados mereceram - lhe uma especial atenção... As relações com os não cristãos, os não crentes, os cristãos de outras confissões receberam de João Paulo II um forte estímulo, prenhe de confiança, de respeito, da preocupação de abrir caminhos novos... Promoveu a catequese e a nova evangelização e abriu caminhos à missão alargada ao mundo inteiro. Para as comunidades e serviços da Igreja, sublinhou a

importância das novas técnicas de comunicação. Preparou, de modo exemplar, a entrada no novo milénio. Sempre com Jesus Cristo no seu horizonte de vida e de missão e com o Concílio Vaticano II a estimular a acção de todos os membros da Igreja, no mesmo sentido.

5. O magistério pessoal de João Paulo II reafirmou e marcou caminhos na Doutrina Social da Igreja com as encíclicas *Laborem Exercens* (1981), *Centesimus annus* (1991), *Veritatis splendor* (1993), *Evangelium Vitae* (1995); com as inúmeras mensagens do Dia Mundial da Paz e as Exortações Apostólicas pos sinodiais com a *Familiaris consortio* (1981), a *Solicitudo rei socialis* (1987) a *Christifideles laici* (1988), a *Mulieris dignitatem* (1988). Todos estes documentos, que são referência obrigatória para estudiosos, deverão continuar a merecer a atenção dos responsáveis pela formação dos leigos, dos presbíteros e diáconos e dos consagrados.

6. Qualquer Papa, ao exercer um magistério universal, dadas as diferenças sociais, culturais e mesmo religiosas dos povos onde a Igreja já está implementada, deixa sempre, na opinião de alguns, teologicamente mais instruídos e atentos, alguns pontos menos considerados e reflectidos. Também o magistério, tão amplo e actual, de João Paulo II não deixou resolvidos todos os problemas sentidos na Igreja, e para os quais se vinha

já chamando a atenção, de modo insistente. Recordemos, a título de exemplo, o papel da mulher na comunidade cristã, a ordenação sacerdotal de homens casados, a situação de muitos divorciados recasados, a clarificação sobre a regulação dos nascimentos, feita em consciência esclarecida, pelos próprios casais, a maior autonomia das conferências episcopais, pois que são elas que actuam no terreno, a descentralização urgente de muitos serviços da Igreja e a renovação dos seus quadros com gente aberta, livre e não alinhada em grupos mais ou menos sectários, a abolição, de uma vez por todas, de títulos e honras que o Vaticano II considerou contrários à consciência de Povo de Deus, pois que a única, e a maior dignidade de todos é serem, por igual, filhos de Deus...

A Bíblia recomenda que “ é preciso saber suportar as demoras de Deus” , que são sempre e só as nossas demoras. Muitos passos se têm dado, pensemos na linha das relações ecuménicas, impensáveis há poucas dezenas de anos. Outros estão decerto no horizonte, porque a vida não para e as leis que não defendem dogmas, são para as pessoas e não estas para as leis.

O respeito por todos retarda sempre as esperanças justificadas de alguns. É assim nas famílias e nas comunidades. Na Igreja, nunca ninguém terá a última palavra, porque a Comunhão que determina a Missão, é sempre dom de Deus. Os incómodos aceites, também podem ser um contributo ao bem da maioria. Na fé não há desilusões.

7. João Paulo II foi um cristão que soube traduzir a fé por coragem, por inovação e risco, por procura de caminhos novos, muitos dos quais antes não andados. A sua vida assim o mostra. O seu magistério não é para arquivar, mas, antes, para aprofundar. Agora que ele, pela sua reconhecida virtude, é constituído luzeiro maior e referência mais visível e estimulante para a Igreja e para os cristãos em geral, certamente que a consciência de que continua vivo vai estimular o compromisso dos que o admiraram e amaram e o souberam ver até ao fim, um Papa igual, mas diferente.

(Artigo escrito de acordo com a anterior ortografia)



Karol Wojtyla no Concílio Vaticano II

Senra Coelho (ISTE, CEHR-UCP)

Antecedentes Romanos

Karol Wojtyla (18.05.1920 – 02.04.2005) não se ausentava da Polónia, desde 1948, altura em que regressara de Roma, concluídos os seus estudos e o doutoramento na Pontificia Universidade de São Tomás de Aquino, conhecida por *Angelicum*. Durante a sua permanência como estudante em Roma, a figura principal da Faculdade de Teologia do *Angelicum* era o padre Reginald Garrigou-Lagrange (OP) (1877–1964), indiscutível mestre do neo-escolasticismo tradicional, exigente na sua filosofia e na sua teologia dogmática, participando das acesas controvérsias teológicas que deram origem à encíclica *Humani Generis* (12.08.1950) de Pio XII (1939-1958).

Garrigou-Lagrange interessava-se também pela mística, especialmente em São João da Cruz. Preocupado com a situação da Igreja no pós-guerra, tentou desenvolver uma nova espiritualidade sacerdotal para uma Europa pós-cristã. O padre Garrigou-Lagrange foi o orientador da tese de doutoramento de Karol **Wojtyla**, pela qual investigou o entendimento da Fé em São João da Cruz, intitulando-se *Doctrina de fide apud S. Joannem a Cruce*, ou seja, *A Doutrina da Fé segundo São João da Cruz*.

Na sua permanência em Roma, Wojtyla também viveu dois anos no Colégio Universitário Belga, onde o ambiente intelectual era ativo, repleto de argumentos sobre a “nouvelle theologie”, associada aos dominicanos Marie-Dominique Chenu (1895-1990) e Yves Congar (1904-1995) e aos Jesuítas Jean Danielou (1905–1974) e Henri de Lubac (1896-1991), os quais mais tarde deram um importante contributo ao Concílio Vaticano II.

Durante o verão de 1947, com a ajuda financeira do Cardeal Sapieha, Wojtyla e o seu amigo Starowieysti viajaram pela Europa: Paris, onde contactaram com os padres operários; Holanda, onde durante, dez dias, admiraram o vigor de comunidade eclesiais extremamente vivas e missionárias; Bélgica, onde durante um mês Wojtyla assumiu uma missão junto dos mineiros católicos, nas proximidades de Charleroi. No regresso a Roma passaram por Ars, recordando aí a vida exemplar do Santo Cura João Maria Vianney.

O Concílio, Experiência Única

Quando o Papa João XXIII (1958-1963) surpreendeu a Igreja e o mundo, no dia 25 de janeiro de 1959, ao anunciar a sua intenção de convocar um concílio ecuménico, Karol Józef Wojtyla era Bispo, titular de Ombi e Vigário Capitular de Cracóvia. Tinha sido consagrado Bispo aos 38 anos, no dia 28 de setembro de 1959, festa de São Vencaslou, patrono da Polónia.

Karol Wojtyla participou em todas as sessões do Concílio Vaticano II e referindo-se posteriormente à sua participação conciliar, sublinhava a grande «dívida» que tinha para com o Vaticano II, pois assumia um «significado único e irrepetível para aqueles que nela tomaram parte». Fora um tempo de «grande enriquecimento espiritual», moldada pela experiência numa comunidade mundial», constituindo-se «o seminário de Espírito Santo», no cumprimento de promessas de Cristo aos Apóstolos: «E Eu estarei sempre convosco» (Mt. 28, 20).

O Concílio Vaticano II proporcionou a Karol Wojtyla uma nova oportunidade de fazer a experiência concreta da universalidade da Igreja. Vindo duma nação eslava que se preparava para celebrar o milénio do seu batismo, viajava para Roma todos os Outonos para as sessões do Concílio que duravam dois meses. Aí, encontrava-se com Bispos de todo o mundo, alguns dos quais oriundos de Igrejas com apenas cem anos e que debatiam com vigor e perspicácia o futuro do catolicismo.

Na “Cidade Eterna”, e percebendo com profundidade o significado de “Roma” enquanto centro de unidade para uma Igreja cada vez mais distinta e universal, Karol Wojtyla, vinculado incondicionalmente ao Romano Pontífice e à Cúria Romana, mantinha uma distancia crítica face à tentação de ver só «Roma» como a Igreja. A sua responsabilidade primordial mantinha-se em Cracóvia, Igreja Local de que era pastor. Por isso aproveitou a sua presença regular em Roma durante os quatro Outonos do Concílio para tratar de alguns assuntos referentes à Igreja da sua pátria, como beatificação do Irmão Alberto e da Irmã Faustina Kowalska.



A sua preparação para o Concílio

O bispo Wojtyla tinha respondido, em junho de 1959, à Comissão Pré-Preparatória do Concílio. Na sua resposta, introduziu questões: Qual é, perguntou, a condição humana nos nossos dias? O que esperam da Igreja os homens e as mulheres desta era?

A principal questão de todos os tempos, segundo ele, era a pessoa humana. Ao fim de dois mil anos de cristianismo, o mundo tinha uma pergunta a fazer à Igreja: «O que era o humanismo cristão e o que o distinguia de todos os outros humanismos presentes na modernidade atual? Qual seria a resposta da Igreja ao crescente desespero da modernidade

[face] a cada e a toda a existência humana?».

Mais tarde, no Concílio, Wojtyla haveria de sugerir que sempre que o Padre se envolvia com o mundo da cultura ou do trabalho, teria de apresentar «o sagrado de modo adequado aos homens de hoje». Por isso, se requeria que os seminários não fossem «simplesmente escolas profissionais, mas sim verdadeiras academias» que preparassem os Padres para a missão de trabalharem com um crescente e bem instruído número de leigos.

Em outono de 1962, na primeira sessão do Vaticano II, o Bispo Wojtyla veio a participar numa controvérsia teológica sobre como deveria a Igreja entender a relação entre as fontes da revelação divina, ou seja, as Escrituras e a Tradição. Tratava-



se de um tema com repercussões ecuménicas, pois segundo a reforma clássica, somente a Escritura é lugar da revelação de Deus. Wojtyła acentuou a autorrevelação de Deus nas Escrituras e na Tradição, pois o próprio Deus é a única fonte de revelação. Deste modo, aplicava-se o seu personalismo ao entendimento de Deus e à relação de Deus com o mundo.

Intervenção Conciliar

No dia 11 de outubro de 1962, devido à sua juventude e ao ministério eclesiástico que assumia, o Bispo titular de Ombi e Vigário Capitular de Cracóvia participou na abertura do Concílio Vaticano II, presidido por João XXIII, num lugar próximo da porta da Basílica de São Pedro, a 150 metros do altar-mor.

Quando na primeira sessão, os Padres Conciliares debateram a renovação da liturgia, Wojtyła fez uma breve intervenção que refletia a sua própria experiência pastoral. Segundo ele, o Ritual do Batismo revisto, devia insistir na obrigação dos pais e padrinhos instruírem a criança na fé.

No debate sobre a natureza e missão da Igreja, Wojtyła fez uma intervenção escrita, no qual propunha também que fosse dada uma noção de maior visibilidade à vocação laical.

Em consonância com a proposta do episcopado polaco, pediu que houvesse um documento conciliar referindo explicitamente a Virgem Maria. O Concílio rejeitou a proposta polaca, devido a razões teológicas e ecuménicas, incorporando a declaração sobre a Virgem Maria na Constituição Dogmática sobre a Igreja.

Na segunda sessão do Concílio, outono de 1963, Wojtyła interveio no debate sobre a Igreja como «Povo de Deus», sugerindo que esta imagem fosse descrita de forma sacramental, em analogia com a Encarnação de Cristo.

Defendeu também na segunda sessão que a causa final da Igreja era a Santidade. Assim, todos os batizados tinham uma vocação para a santidade, a qual não estava reservada aos religiosos e à hierarquia, mas a todos, a quem Cristo «santificou na verdade» para que pudessem ser «enviados ... ao mundo» (Jo. 17, 18-19). Para Wojtyła, a santidade, à qual todos fomos chamados, é «uma partilha sublime na própria Santidade da Santíssima Trindade».

Na terceira e na quarta sessões, Karol Wojtyła participou não como Bispo Auxiliar jovem, mas como Arcebispo de Cracóvia.

Na terceira sessão, em outono de 1964, Wojtyła fez uma intervenção escrita, em nome do Episcopado polaco, referindo-se ao lugar que a virgem Maria deveria assumir na Constituição Dogmática sobre a Igreja. Não deveria figurar no último capítulo da Constituição, mas surgir de imediato ao primeiro capítulo,

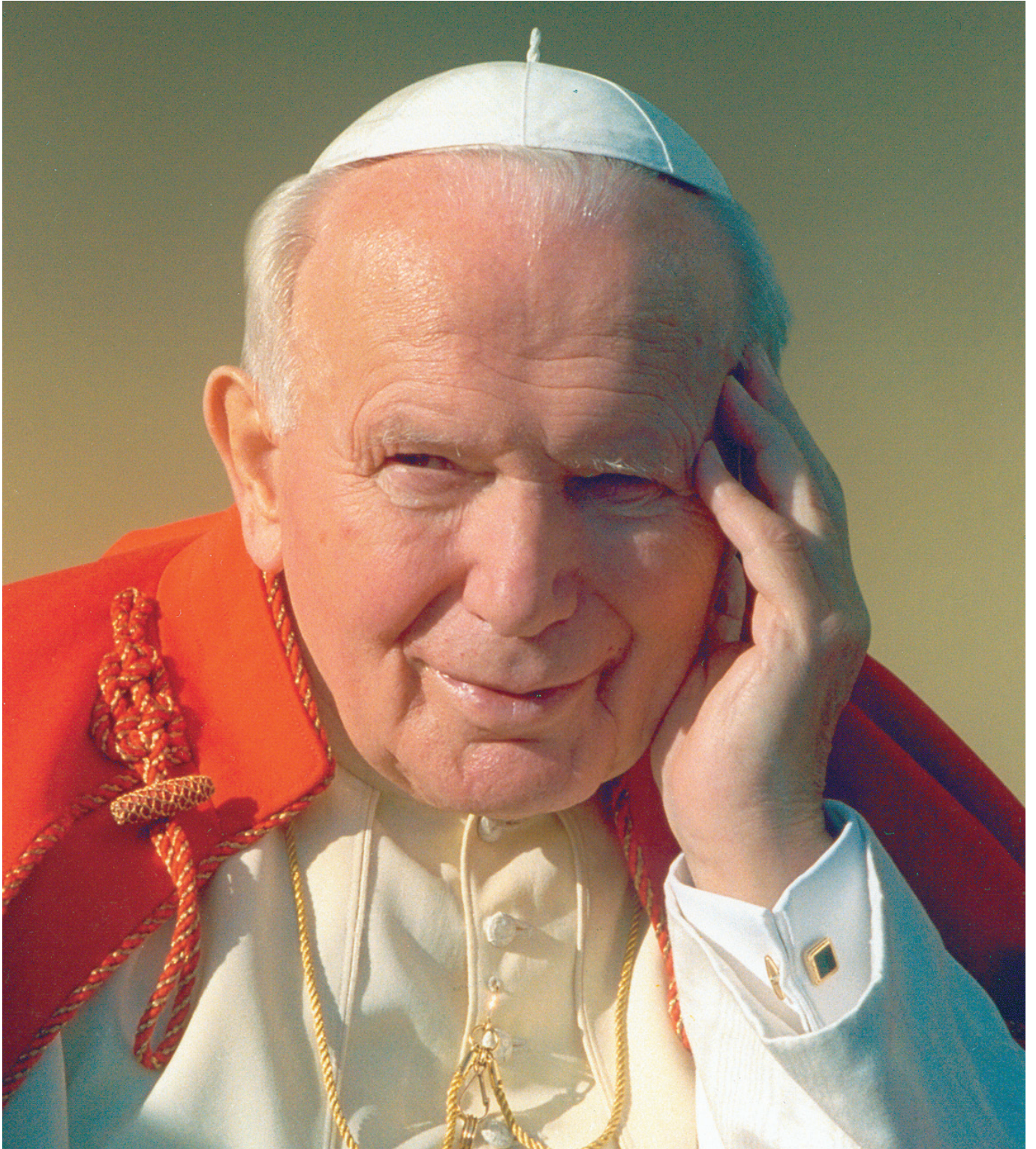
sobre «Mistério da Igreja». Como a virgem Maria alimentou o seu filho, deveria agora alimentar o Corpo Místico de Cristo. Ainda na terceira sessão, o Arcebispo de Cracóvia foi quase forçado a intervir no debate sobre uma proposta de Decreto acerca do Apostolado dos Leigos. Para ele, a dignidade de todos os cristãos tinha a sua origem no Batismo e não no facto da sua participação em movimentos apostólicos, associações, irmandades, confrarias, entre outras. Neste sentido, recomendou um diálogo dentro da Igreja, entre clero e leigos.

Numa intervenção escrita, sobre a proposta do mesmo decreto, Wojtyła defendeu que a questão de um apostolado revalorizado para os leigos, não consistia em transforma-los em quase clérigos, mas em redescobrir a sua identidade missionária radicada nos sacramentos da iniciação cristã, fazendo deles autênticos e válidos apóstolos na diversidade do mundo, como a cultura, a empresa, a escola, a política, a comunicação social, o trabalho, pois a sua especificidade reside na secularidade, Wojtyła participou também no controverso debate sobre a liberdade religiosa, através de uma intervenção oral e duas intervenções escritas, contribuindo com a sua experiência polaca, de país inserido no condicionalismo comunista.

A contribuição mais importante dada pelo Arcebispo de Cracóvia ao Concílio Vaticano II foi a sua envolvimento na elaboração da Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Moderno, o esquema XIII como foi chamado durante as primeiras três sessões do concílio. O referido esquema foi projetado pelo Papa João XXIII e por dois dos seus principais promotores, o Cardeal Leo-Josef Suenens (1904-1996), da Bélgica, um dos quatro moderadores do Concílio e o Cardeal Giovanni Battista Montini (26.09.1897-06.08.1978), de Milão, futuro Papa VI (1963-1978). O esquema surgiu entre a primeira e a segunda sessão do Concílio, procurando demonstrar que a Igreja vivia no mundo e desejava ter no seu coração lugar para as alegrias e esperanças, dores e sofrimentos de toda a humanidade.

Na altura em que a terceira sessão do Concílio se encontrava na sua quarta semana, em outubro de 1964, alguns membros influentes da Cúria Romana tentavam que o esquema XIII fosse retirado por completo da agenda do Concílio. Era necessário aproximar a Igreja do mundo moderno e ultrapassar a mentalidade de alguns eclesiásticos com as suas «lamentações sobre o estado miserável do mundo». A Igreja tinha uma proposta a fazer ao mundo moderno e devia anuncia-la com racionalidade e não com moralizações e exortações.

Na quarta e última sessão do Concílio, iniciado no dia 14 de setembro de 1965, começou a elaboração de um outro projeto do esquema XIII. Este último projeto de trabalho constitui os alicerces da *Gaudium et Spes* e foi elaborado em três longas sessões no início de 1965 por uma subcomissão. O Arcebispo



Wojtyła participou ativamente em todas as três reuniões, no subgrupo onde se encontravam o Arcebispo Gabriel-Marie Garrone (1901-1994), o teólogo dominicano Yves Congar e os jesuítas Henri De Lubac e Jean Daniélou.

O debate sobre a *Gaudium et Spes* teve início na quarta-feira, dia 22 de setembro de 1965. No dia 28 de setembro, terça-feira, o Arcebispo de Carcóvia proferiu o que alguns consideram o discurso mais memorável do Concílio, fazendo notar que a nova constituição pastoral era «mais uma meditação» do que a

declaração de uma doutrina. A sua preocupação principal era a pessoa humana, considerada individualmente, na comunidade e no «plano de todas a criação».

O Concílio Vaticano II foi um amplo “pós-doutoramento” que marcou indelevelmente toda a vida daquele que veio a ser o Bem-aventurado João Paulo II.

Abri a portas ao Redentor

Juan Ambrosio,
professor da Faculdade de Teologia - UCP

Nas breves linhas que se seguem, procura-se destacar a importância e centralidade que a pessoa de Jesus Cristo e o seu projeto salvífico, desempenharam no pontificado de João Paulo II.

Como é óbvio, um pontificado tão longo inevitavelmente acabou por ter vários centros de preocupação ao longo dos diversos momentos da história da humanidade e da história da Igreja porque foi passando. Apesar disso, é fascinante perceber como logo desde o primeiro momento podemos destacar uma clara linha de ação e reflexão.

A primeira Encíclica de João Paulo II, quando relida já depois de muitos anos passados, mostra-nos isso com uma clareza que, porventura, na altura em que a lemos pela primeira vez não poderíamos ainda ter alcançado.

“O Redentor do homem, Jesus Cristo, é o centro do cosmos e da história. Para Ele se dirigem o meu pensamento e o meu coração nesta hora solene da história, que a Igreja e a inteira família da humanidade contemporânea estão a viver. Efetivamente, este tempo, no qual, depois do predileto Predecessor João Paulo I, por um seu misterioso desígnio Deus me confiou o serviço universal ligado com a Cátedra de São Pedro em Roma, está muito próximo já do ano Dois Mil. É difícil dizer, neste momento, o que aquele ano virá a marcar no quadrante da história humana, e como é que ele virá a ser para cada um dos povos, nações, países e continentes, muito embora se tente, já desde agora, prever alguns eventos. Para a Igreja, para o Povo de Deus que se estendeu — se bem que de maneira desigual — até aos mais longínquos confins da terra, esse ano virá a ser o ano de um grande Jubileu. Estamos já, portanto, a aproximar-nos de tal data que — respeitando embora todas as correções devidas à exatidão cronológica — nos recordará e renovará em nós de uma maneira particular a consciência da verdade-chave da fé, expressa por São João nos inícios do seu Evangelho: « O Verbo fez-se carne e veio habitar entre nós »; e numa outra passagem « Deus, de facto, amou de tal modo o mundo, que lhe deu o Seu filho unigénito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. »” [1]

Julgo que fica claro a importância que o Papa deu, desde o

início, ao jubileu do ano 2000 e como esse acontecimento estava centrado na pessoa e na obra do Redentor.

Aliás, é o próprio João Paulo II que nos diz ter sido esse um dos motivos porque aceitou sentar-se na cátedra de Pedro:

“A Cristo Redentor elevei os meus sentimentos e pensamentos a 16 de outubro do ano passado, quando, após a eleição canónica, me foi feita a pergunta: « Aceitais? » E eu respondi então: « Com obediência de fé em Cristo, meu Senhor, e confiando na Mãe de Cristo e da Igreja, não obstante as muitas dificuldades, eu aceito ». Quero hoje dar a conhecer publicamente aquela minha resposta a todos, sem exceção alguma, tornando assim manifesto que está ligado com a verdade primeira e fundamental da Encarnação o ministério que, com a aceitação da eleição para Bispo de Roma e para Sucessor do Apóstolo Pedro, se tornou meu específico dever na sua mesma Cátedra.” [2]

E quando quer explicitar claramente em que consistirá o exercício do seu múnus de pastor, uma vez mais fica afirmada com toda a clareza a centralidade do Mistério de Cristo:

Entretanto, se as vias a seguir, para as quais o Concílio do nosso século orientou a Igreja, vias que nos indicou na sua primeira Encíclica o saudoso Papa Paulo VI, permanecerão de modo perduradouro exatamente as vias que nós todos devemos seguir, ao mesmo tempo nesta nova fase podemos justamente interrogar-nos: Como? De que maneira será conveniente prosseguir? O que será necessário fazer, para que este novo advento da Igreja, conjugado com o já iminente fim do segundo Milénio, nos aproxime d’Aquele que a Sagrada Escritura chama « Pai perpétuo », *Pater futuri saeculi*? Esta é a pergunta fundamental que o novo Sumo Pontífice tem de pôr-se, desde o momento em que aceitou, em espírito de obediência de fé, o chamamento em conformidade com a ordem mais de uma vez dirigida a Pedro: « Apascenta os meus cordeiros »; o que quer dizer: « Sê pastor do meu rebanho »; e depois: « ... e tu, uma vez convertido, confirma os teus irmãos ».

É precisamente aqui neste ponto, caríssimos Irmãos, Filhos e Filhas, que se impõe uma resposta fundamental e essencial, a saber: a única orientação do espírito, a única direção da inteligência, da vontade e do coração para nós é esta: na direção



de Cristo, Redentor do homem; na direção de Cristo, Redentor do mundo. Para Ele queremos olhar, porque só n'Ele, Filho de Deus, está a salvação, renovando a afirmação de Pedro: « Para quem iremos nós, Senhor? Tu tens as palavras de vida eterna ».

Quando já estamos muito perto deste acontecimento que, na vontade do Papa, deveria inaugurar, uma nova fase na vida da Igreja, João Paulo II dá a conhecer, na *Bula de proclamação do Jubileu pelo 1950º Aniversário da Redenção* [3] aquele que pode ser considerado o desejo que sempre movimentou a sua vida de pastor:

“« ABRI AS PORTAS AO REDENTOR! ». É este o apelo que, na perspectiva do Ano Jubilar da Redenção, dirijo a toda a Igreja, renovando o convite expresso no dia a seguir à minha eleição para a Cátedra de Pedro. Desde esse momento os meus

sentimentos e pensamentos têm sido cada vez mais dirigidos para Cristo Redentor e para o seu Mistério Pascal, vértice da Revelação divina e atuação suprema da misericórdia de Deus para com os homens de todos os tempos.” [4]

Toda a vida e ação do Papa se fundamentou nesta vontade de levar a Igreja a abrir, e porque não dizer escancarar, as portas ao Redentor, para que a partir do encontro revigorado com Ele a Igreja pudesse abrir-lhe também as portas do mundo.

1- *Redemptor Hominis*, 1

2 - *Redemptor Hominis*, 2

3 - Dada em Roma, 6 de janeiro de 1983, quinto ano do pontificado.

4 - *Aperite portas Redemptori*, 1

Os mistérios de Fátima

Aura Miguel,
jornalista da Rádio Renascença

“Crer e amar: este é o programa do seu pontificado. Incansavelmente, Vossa Santidade mostra-nos o rosto de Cristo, o rosto de Deus misericordioso”. Estas palavras, proferidas a 18 de maio de 2003 pelo cardeal decano Joseph Ratzinger quando João Paulo II fez 83 anos, definem bem a pessoa do Papa polaco. Com efeito, Wojtyła era dotado de uma estatura humana que o aproximava de todos, sem exceção, interessando-se por cada um com quem se cruzava, ao ponto de nos sentirmos *exclusivos*. Quem teve a graça de se cruzar com o seu olhar garante isso mesmo: naquele instante, só contava a pessoa que tinha à sua frente; era como se nos quisesse transmitir, com o olhar, a certeza da sua vida: “Não tenhais medo. Abri, melhor, escancarai as portas do vosso coração a Cristo!”

João Paulo II gastou-se inteiramente para anunciar esta certeza. Percorreu o mundo várias vezes e foi ao encontro das realidades mais variadas, movido pelo desejo (como revelou no livro-entrevista “Atravessar o Limiar da Esperança”) de poder entrar em casa de cada um para comunicar pessoalmente esta certeza. Incansável, mesmo quando fragilizado pela doença, nunca deixou de testemunhar de forma inabalável que “só Cristo conhece verdadeiramente o coração do homem”.

Viveu permanentemente enamorado por Cristo, a quem se abandonava diariamente. Por isso manteve sempre uma tão grande frescura de fé, cheia de rasgo e criatividade.

Entre tantas e tão variadas facetas pelas quais João Paulo II deve ser valorizado sublinho apenas mais uma: a sua profunda ligação aos mistérios de Fátima – uma experiência que implicou o derramamento do seu próprio sangue, a 13 de maio de 1981. Desde então, Wojtyła viveu na certeza de ter sido salvo por milagre de Nossa Senhora de Fátima, ao ponto de afirmar que a vida lhe foi “dada de novo” e que o seu pontificado durou “apenas três anos” (1978-1981), porque tudo o resto foram anos de milagre. O seu antigo secretário pessoal, atual cardeal Stanislaw Dziwisz, viria a explicar mais tarde: “Graças



a tal dedicação (*Totus tuus, Maria*), tornou-se protagonista no cumprimento da mensagem que Maria deu aos Pastorinhos. Na verdade, depois do atentado de 13 de maio de 1981, ele próprio pediu o envelope que continha a terceira parte do «segredo». Como se sabe, logo pensou na consagração do mundo ao Coração Imaculado de Maria. Não podemos deixar de agradecer ao Senhor a realização da promessa de Maria. E agradecidos estamos a João Paulo II pela sua sabedoria, docilidade e coragem” (Homilia em Fátima, 13.05.2006)

O cardeal Tarcisio Bertone, atual secretário de Estado do Vaticano - que na altura da revelação do 3º Segredo trabalhava diretamente com o cardeal Ratzinger na Congregação para a Doutrina da Fé - encontrou-se várias vezes com o próprio Papa e também testemunha a convicção que João Paulo II tinha da

sua “ligação de sangue” com Fátima: “Fiquei arrebatado com as poucas palavras do Santo Padre que se convenceu, de forma ainda mais profunda, da missão de sofrimento a que tinha sido chamado. A sua maior encíclica não terá sido talvez o mistério do seu sofrimento? Não morreria devido ao atentado mas, de qualquer forma, morria dia a dia na oblação da sua vida consumada pelo bem da Igreja. Foi o atentado que, de certa maneira, o fez morrer dia a dia. Mesmo a doença de Parkinson deve-se muito provavelmente àquele acontecimento criminoso. Wojtyła sentiu-se ainda mais ligado a Nossa Senhora, a Fátima. A bala foi encastrada na coroa da Virgem da Cova da Iria e o anel, presente do primaz da Polónia, cardeal Stefan Wyszyński, foi deposto pelo Papa aos pés da Imagem de Maria. (in “A última vidente de Fátima”)

Se ainda houvesse dúvidas e fosse necessário mais algum sinal destas ligações, a Providência encarregou-se de o revelar com a data da morte e suas coincidências. Foi uma espécie de fenómeno *dois-em-um*...! João Paulo II morreu no primeiro sábado de abril. E também nas vésperas litúrgicas da Festa da Divina Misericórdia: O Papa mariano do *Totus Tuus* e, ao mesmo tempo, o grande apóstolo da Misericórdia de Deus, o

Papa do “Não tenhais medo, abri as portas a Cristo!”, foi levado para o Céu numa extraordinária coincidência de datas. O seu *dies natalis* – 2 de abril de 2005 - foi duplamente abençoado, por Maria e Jesus. Um abraço final que selou o envolvimento do pontificado de João Paulo II com Fátima e Cracóvia. Isso mesmo também sublinhou, durante as exéquias, o cardeal Joseph Ratzinger, futuro Papa: “Divina Misericórdia: O Santo Padre encontrou o reflexo mais puro da misericórdia de Deus na Mãe de Deus. Ele, que tinha perdido a mãe na tenra idade, amou ainda mais a Mãe divina. (...) Podemos estar certos de que o nosso amado Papa está agora à janela da casa do Pai, a ver-nos e a abençoar-nos. Sim, abençoa-nos Santo Padre. Nós confiamos a tua querida alma à Mãe de Deus, tua Mãe que te conduziu todos os dias e te conduzirá agora à glória eterna do Seu Filho, Jesus Cristo nosso Senhor” (Homilia, 08.04.2005) Assim, a data escolhida para a sua beatificação, não podia ser melhor: João Paulo II será elevado aos altares no primeiro dia do mês de Maria que, neste ano, é também o Domingo da Divina Misericórdia.



Quando a Madeira recebeu um santo Papa

Sílvio Mendes, jornalista

O dia 12 de maio de 1991 amanheceu radioso com um sol brilhante a iluminar a Ilha da Madeira. A Natureza, que nesta Ilha é pródiga, quis também aliar-se à euforia de muitos milhares de pessoas que nesse domingo acordaram cedo para, dos lugares mais distantes da Região, se deslocaram até pontos estratégicos para poderem ver de perto o Papa João Paulo II que durante um dia estaria na Pérola do Atlântico numa visita histórica, ainda hoje recordada com emoção.

As estradas entre o aeroporto da Madeira e o Estádio dos Barreiros, onde o Papa presidiu à celebração da Missa em Domingo de Ascensão, estavam repletas de povo, que incansavelmente acenava com bandeiras à passagem de tão ilustre personagem. Inesquecível foi a entrada de João Paulo II no estádio, por entre muitos milhares de madeirenses, e visitantes, que o aplaudiam sem cessar, agitando pequenas bandeiras amarelo e brancas (cores do Vaticano), enquanto um grupo coral constituído por muitas centenas entoava o hino papal. Dizem que João Paulo II se emocionou por ver tamanha recepção num ilha tão pequena.

Para mim e para um grupo de jovens (de então) aquele dia foi o reencontro com o Papa João Paulo II e motivo para recordar o grande acontecimento verificado em setembro de 1983, quando em Castelgandolfo (residência de verão do Papa) integrado num grupo de folclore, organizado de propósito para o efeito, dançamos três temas populares da Madeira para ele. Nesse ano cerca de mil jovens portugueses deslocaram-se de autocarro de Lisboa a Roma para agradecer a João Paulo II a sua primeira visita a Portugal.

Muitas regiões portuguesas foram convidadas a apresentar temas regionais perante o Papa e a Madeira, famosa pelo seu bonito e colorido folclore, marcou presença com um grupo de jovens inexperientes naquela área artística mas que após muitos ensaios conseguiram dignificar a sua terra natal e captar a atenção de João Paulo II.

Um pormenor marcou a audiência. Na apresentação individual de cada elemento ao Papa, chegada a minha vez, João Paulo II olhando para um dos instrumentos típicos do folclore madeirense, perguntou-me como se chamava aquele objeto.



Disse-lhe que era “o brinquinho” e pedi ao colega que o tinha nas mãos que o trouxesse até junto do Papa que pegando no brinquinho proporcionou um momento único aproveitado pelo fotógrafo oficial do Vaticano para obter uma foto que passou a ficar famosa, pelo menos na Madeira.

Foi mais uma demonstração da simpatia, à vontade e empatia de João Paulo II, de novo demonstrada nas horas que passou na Madeira nesse inolvidável domingo, recordado agora ainda com mais intensidade por pessoas de todas as idades e categorias que têm a honra de afirmar “eu vi um Papa que já é santo” e esse facto permanecerá para sempre na suas memórias.

Quem ainda se recorda?

Fernando Pinho,
Ex-jornalista da Rádio Vaticano

O Papa das primeiras viagens – ao México, Polónia, Brasil – desaparecera depois do atentado...

A peregrinação mariana em que se transformou a primeira visita a Portugal do Papa João Paulo II foi a 11ª das suas viagens. Depois do atentado e antes de vir a Portugal, só tinha ido à África (Nigéria, Benim, Gabão, Guiné Equatorial). Já nestes países os jornalistas tinham visto um Papa “diferente”, confirmando essas diferenças na permanência de João Paulo II em Portugal.

Tomo por exemplo a forma com foram vividos no Vaticano, através da Rádio Vaticano, os momentos finais da primeira viagem de João Paulo II a Portugal, de 12 a 15 de maio de 1982, respigando alguns fragmentos da documentação produzida então pela equipa de enviados, de 7 nacionalidades/línguas diferentes (inglês, francês, alemão, espanhol, italiano, polaco e português). As informações que enviaram para Roma, por linha telefónica e telex, foram utilizadas por todas as 40 secções da emissora da Santa Sé e difundidas em 34 línguas.

Além de peregrinação mariana, a primeira viagem de João Paulo II a Portugal foi também uma visita pastoral a parte do país: começou em Lisboa, no dia 12 de maio e terminou no dia 15, já de noite, no Porto, depois das etapas de Fátima, Vila Viçosa, Coimbra e Sameiro: a Rádio Vaticano efetuou nesses 4 dias 14 reportagens em direto, utilizando todas as referidas línguas.

O Diretor do *Radiogiornale*, Padre Farusi, descreve assim os momentos finais da visita, a partir do momento em que o helicóptero, vindo do Sameiro, aterra na Serra do Pilar, às 18.55 horas, e João Paulo II entra no Rolls Royce descoberto: o cortejo não avança, devido à multidão; enquanto espera, o motorista da viatura pede um autógrafo ao Papa, que lho concede, divertido. Finalmente, o cortejo desce pela Av.ª D. Afonso Henriques e percorre a Ponte D. Luís: a saudação ruidosa das sirenes de centenas de barcos no rio Douro criam uma atmosfera empolgante que faz parar o cortejo: o Papa sai da viatura e aproxima-se do parapeito da ponte para abençoar «os trabalhadores do mar» e admirar um «espetáculo simplesmente estupendo». Quinze minutos depois chega à Av.ª dos

Aliados, percorre os 300/400 metros das duas praças Aliados/Humberto Delgado, onde se encontra o palco para o encontro com o mundo do trabalho e a cerimónia de despedida, mas não consegue avançar: são imensas as pessoas que se aproximam e lhe pedem a bênção. “No meio de notáveis dificuldades” o Papa chega ao palco, “muito original, em forma de pirâmide, imensa; todas as janelas que dão para a Praça estão literalmente apinhadas

D. Júlio T. Rebimbas acrescenta às palavras de boas-vindas a frase: “O Papa levará saudades de Portugal”. Quando o representante do mundo do trabalho, Joaquim Ferreira Soares, falando em nome dos operários, a quem se destinava o encontro antes da despedida, recorda que “o trabalho existe para o homem e não o contrário!”, João Paulo II acena com a cabeça que sim, a confirmar esse princípio. Dois minutos duram, depois, os aplausos, antes de o Papa proferir o último dos 20 discursos que deixou à Igreja e à sociedade portuguesa. Entre os presentes oferecidos ao Papa no final do encontro notavam-se um rosário de ouro e uma garrafa de Vinho do Porto, de 1920, ano do seu nascimento: o Papa faria anos dali a três dias, a 18 de maio, e os portugueses aproveitam para lhe cantar antecipadamente os parabéns! É então que, como-visto, João Paulo II volta atrás, agarra o microfone e improvisa estas palavras: “Muito, muito obrigado. Agradeço todos os dons. Muito obrigado, muito obrigado! Graças a Deus que os cidadãos de honra não pagam taxas. Então, o que eles podem oferecer é uma bênção. A bênção, juntamente com os bispos aqui presentes”. Depois acrescenta ainda, em bom português, um “Obrigadíssimo” e segue para o aeroporto, de onde parte para Roma às 21.48 minutos.

Alguns enviados da Rádio Vaticano comentam: “os portugueses não querem deixar partir o Papa” e observam que fazer a cobertura desta viagem foi uma tarefa que lhes deixa saudades. Terá sido a recordação desta despedida cheia de calor humano e numa atmosfera de carinho que levou os organizadores das viagens pontifícias, exatamente 29 anos após esta “apoteose”, a fazer partir do mesmo lugar Bento XVI, ao fim a sua primeira visita a Portugal?

Sacrificio della Madonna

Francisco de Noronha e Andrade

A ida a Roma no ano 2000, da imagem original de Nossa Senhora de Fátima da Capelinha das Aparições, concretamente em outubro, no Jubileu dos Bispos, foi um acontecimento com um significado religioso ímpar, onde todos estes elementos, cada um já por si fortíssimos, marcaram de forma inesquecível o coração de todos os que viveram de perto esta “página” de história.

De facto vivíamos o ano 2000 sob o ritmo imparável e tão energético do Papa João Paulo II. As diferentes celebrações, com temas e intenções específicos... os jubileus do ano 2000, sucediam-se dando um ânimo e um entusiasmo a todos os católicos... e não só!

Por todo o mundo, em todas as civilizações que adotaram este calendário, se celebrava esta data redonda tão mítica... até os

receios da informática e com um possível “apagão” de todos os computadores à meia-noite de 1999 para 2000 tinham marcado o início do ano, desde o primeiro segundo. Mas o que se sentia, repito, de forma única e a marcar o ritmo do mundo inteiro com o mais ninguém era a *batuta* espiritual do nosso, agora, tão saudoso João Paulo II.

E foi assim neste ambiente de festa, que 2 Servitas receberam o convite de Mons. Luciano Guerra, Reitor do Santuário de Fátima, para acompanharem o Senhor Bispo D. Serafim e ele próprio a levarem a imagem da Capelinha, pela 2ª vez a Roma, a pedido próprio de João Paulo II.

Os Servitas, eu e o João Lino de Castro, éramos respetivamente o Presidente e Vice-Presidente da Associação dos Servitas e





de certa forma este convite seguiu uma “tradição”, pois da primeira vez que a Imagem de Nossa Senhora foi a Roma, em 1984, também 2 Servitas, Francisco Figueiredo e Rui Corrêa d’Oliveira a acompanharam, de igual modo com Mons. Luciano Guerra e com o então Bispo e também saudoso e muito amigo, o Senhor D.Alberto.

Esta pequena introdução mostra desde logo o ambiente único destes dias. Acho que todos os minutos foram curtos para se viver tudo o que se ia passando. Desde logo aparecemos, o João e eu, numa bela fotografia na 1ª página no jornal “Expresso”, onde se destacava o estojo branco que transportava a imagem e a anunciar a nossa partida para Roma. Destaco este pormenor pois na altura este jornal sobressaía pela adversidade e acidez em relação a tudo o que se relacionasse com a vida da Igreja Católica. E dessa vez não disse mal...

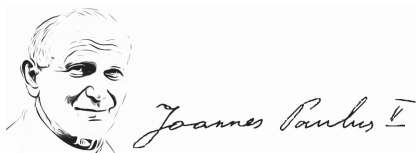
A acompanhar a Imagem e entre tantas outras centenas de grupos e milhares de portugueses que foram a Roma, o Santuário de Fátima e a Associação dos Servitas organizaram peregrinações cada qual com cerca de 200 peregrinos. No avião ia connosco o grupo do Santuário e por isso quase todo o avião era “nosso”. Claro está que a meio do voo o comandante veio ter connosco a saudar-nos e abriu-se o estojo, tendo-se mostrado a imagem e a coroa da Nossa Senhora que passou

quase de mão em mão... uma emoção para muitos que nunca a tinham visto de tão perto. Depois a “totalidade” do avião rezou... Mons. Luciano foi ao microfone das hospedeiras e rezámos... momentos únicos!

Quando já estávamos a aterrar, D.Serafim mostra-me um cartão onde estavam os nossos nomes e o respetivo convite para termos acesso aos aposentos particulares do Papa. A emoção e a expectativa ia crescendo. Ao aterrar, o Bispo ausentou-se discretamente para a casa de banho tendo aparecido com as suas vestes curiais púrpuras para ser recebido pelo Papa. Um silêncio e olhares de admiração ao longo do corredor. D. Serafim estava mesmo “bem” !

E de facto, o ambiente era a da chegada de um “Chefe de Estado”. Ao abrir-se a porta, lá em baixo, para além de alguns Cardeais e muitos Bispos, uma enorme escolta de “mercedes”, motas, policia, imprensa, fotógrafos... e ao longe uma pequena multidão e crianças a saudar-nos, isto é, a saudá-La! Honras protocolares de Estado. Nem podia ser de outra maneira... lembro-me de ter pensado assim!

Bem, claro que nunca me tinha acontecido... atravessámos Roma a uma velocidade estonteante, sob a dita escolta oficial, sirenes, motas, tudo o que estamos habituados a ver ao longe...



para “outros”!

E assim entrámos nos domínios privados do Vaticano, no Pátio de S. Damaso. O Bispo D. Sepe, hoje Cardeal, mas na altura o Bispo responsável pela organização geral das celebrações do Jubileu, acompanhava-nos pelos lindíssimos corredores, estes já interiores e não acessíveis ao público, mas semelhantes aos do museu do Vaticano e que todos nós já tivemos oportunidade de apreciar. Nós os dois, João e eu, levávamos o estojo e ao virar de mais um corredor deparámos com um grupo muito variado que nos aguardava. Desde os guardas suíços, homens de casacas, freiras, bispos, padres, etc. Dois deles seguravam um pequeno andor onde nós iríamos colocar a imagem. Abri o estojo, pus umas luvas brancas, conforme a norma do Santuário de Fátima de que só se transporta a imagem de Nossa Senhora com luvas brancas e, com muita suavidade e dignidade o João e eu colocámos a imagem em cima de um triângulo de metal para se segurar e aparafusar com 3 parafusos como é habitual no andor de Fátima.

E aqui começa o drama! As anilhas da imagem não correspondiam aos buracos do andor feito em Roma. Coloquei o primeiro parafuso, o segundo dificilmente encaixava e então terceiro nem de perto nem de longe... vários centímetros impediam a colocação segura e correta dos 3 parafusos... e naturalmente se assim não acontecesse a imagem ficava insegura, baloiçava e não seria possível transportá-la aos ombros no andor.

Uma autêntica calamidade. Que não percebíamos pois o molde desse triângulo em ferro tinha sido feito um mês antes e experimentado em Fátima. Virei a Imagem várias vezes, colocámos em todas as posições possíveis e e...nada! Lembrou-me, como se fosse hoje, que transpirava “copiosamente” com o nervoso desta situação inacreditável. Claro que o erro tinha



sido de Roma e de quem tinha feito o andor... mas para o caso era indiferente...

Às tantas e já com a camisa encharcada... despenteado, desesperado, recebo um encontrão e dois “mordomos” de casaca, inquietos e com um ar confundidos... dizendo: “*Il Santo Padre aspetta... Il Santo Padre sta aspettando!*”, pegam na imagem à mão e decidem ir assim para a Capela privada do Santo Padre.

Num segundo acabou toda a tensão, o séquito formou-se e sob um cântico do Avé de Fátima que uma Irmã começou a entoar, a imagem de Nossa Senhora foi ao encontro de João Paulo II, que estava à entrada dos seus aposentos, de bengala na mão

à espera. Apesar do seu estado de saúde já ser bastante debilitado, via-se ao longe um olhar cintilante... com certeza de uma alegria profunda de mais uma oportunidade de um encontro com a “sua” Senhora de Fátima, a salvadora da sua vida! Tudo acabou em bem neste episódio? Sim... claro que sim mas não! Pois... com a ida da imagem, o andor ficou para trás... e nós, os 2 Servitas também!

O séquito deu a volta a mais um corredor, a porta do aposento onde se via o Papa estava a uns metros de distância e nós pura e simplesmente fomos “barrados” pelas 2 lanças dos guardas suíços, tal qual do tempo de Miguel Ângelo (o “criador” das fardas ainda atuais) pois não nos deixaram passar! Porquê? Não sei! Talvez o meu mau aspeto, todo suado? Seríamos para eles “apenas” 2 transportadores? Ainda dei um “grito” de socorro a Mons. Luciano, mas claro nem ele nem D. Serafim se tinham apercebido desta situação. Só depois é que estranharam a nossa ausência... mas já era tarde! Comecei então a gesticular e a explicar quem nós éramos, que fazíamos parte do grupo convidado e autorizado para entrar, mas... nada! Um muro intransponível de silêncio e de incompreensão! Perdemos assim o encontro e o tempo de oração na Capela privada do Santo Padre!

Estávamos desesperados e tristíssimos! Comecei a acalmar... não havia nada a fazer e tínhamos que manter alguma postura mas a irritação, confesso, mantinha-se.

Até que de repente aproxima-se suavemente um padre que tinha assistido a tudo e com um sorriso vira-se para mim e em voz baixa só me diz: *“Sacrificio della Madonna...accepta!”* É difícil agora acreditar no que vou dizer mas foi assim mesmo! No momento a seguir a ter ouvido esta pequena frase, olhei para o João, sorrimos e... aceitámos! Tudo se mudou no meu íntimo! Senti paz, percebi o *sacrificio que a Senhora* nos estava a pedir e... rezei! Agradei o privilégio de estar ali e tudo



voltou então à normalidade, isto é ao gozo imenso espiritual desta minha peregrinação a Roma no ano 2000, a acompanhar a “nossa” Nossa Senhora!

Foi-me pedido uma pequena recordação e por isso termino... mas isto foi o princípio, como se percebe, de dias riquíssimos em episódios deslumbrantes! Muitas outras coisas foram acontecendo nestes dias... Ah... e um pormenor! Como no Vaticano tudo é registado, tenho fotografias de tudo isto que acabei de relatar!

Agora que João Paulo II é beatificado ainda mais vou recordando com muita saudade o que foi acontecendo na minha vida junto dele!

João Paulo II, humilde peregrino da paz

*Pax Christi Portugal : M^ª. Margarida Saco (Vice-Presidente),
Manuel Quintãos (Secretário Geral)*

Das muitas memórias que guardamos do Papa João Paulo II uma, que é fundamental, é a da sua coerência enquanto embaixador da paz. Ele ensinou-nos que a paz é claramente a única forma de construir a justiça para todos e que a verdadeira coragem está no trabalho pela paz.

O Papa João Paulo II encarava a construção da paz como uma tarefa urgente para todos, não apenas para aqueles que, como ele, eram ouvidos pelos líderes políticos do mundo. Por isso, pedia insistentemente a todos que concretizassem "gestos de paz". Também ele deu o exemplo, aproveitando inúmeras oportunidades para ser testemunho de paz e de reconciliação.

Curar as feridas e as divisões entre as religiões foi uma prioridade. Em 1986, a convite do Papa, os líderes das religiões do mundo reuniram-se em Assis e afirmaram o seu compromisso com a construção da paz. Também em 1986, o Papa João Paulo II visitou a Grande Sinagoga de Roma, referindo-se ao povo judeu como "os nossos irmãos mais velhos".

Durante o seu pontificado, João Paulo II iniciou, em nome da Igreja, uma série, sem precedentes, de pedidos de perdão pelos pecados da história. No Senegal (1992) referiu a "terrível aberração de todos os que reduziram à escravatura os irmãos e irmãs que o Evangelho tinha destinado para a liberdade". Ao rezar no memorial do Holocausto, Yad Vashem (2000), pediu também perdão pelos pecados cometidos contra o povo de Israel: "a Igreja Católica está profundamente entristecida pelo ódio, os actos de perseguição e manifestações de anti-semitismo dirigidos por cristãos contra os judeus em qualquer momento e em qualquer lugar".

Veze sem conta, em lugares associados aos piores actos da humanidade, o Papa inspirou esperança e determinação para uma mudança construtiva: Na Irlanda (1979): "Peço aos jovens envolvidos em organizações que promovem a violência... Não dêem ouvidos às vozes que falam a linguagem do ódio, da vingança, da retaliação..."; Em Hiroshima (1981): "Relembrar Hiroshima é comprometer-se com a paz... Vamos prometer aos nossos irmãos humanos que vamos trabalhar incansavelmente pelo desarmamento e a eliminação de todas as armas nucleares..."; Em Coventry, durante a guerra das Malvinas (1982): "A guerra deveria pertencer ao passado trágico, à história; não

deve ter lugar na agenda da humanidade para o futuro."

Em cada crise o Papa João Paulo II apelou a todas as partes para utilizarem o diálogo e para que a razão prevalecesse sobre a violência. Antes da guerra do Iraque em 2003, advertiu: "a guerra nunca é apenas um outro meio pelo qual se pode optar para a resolução de diferendos entre as nações". Condenando "todas as acções terroristas" no Médio Oriente, o papa também referiu, em 2003, "a Terra Santa não precisa de muros, mas sim de pontes".

O Papa João Paulo II analisou as questões da guerra, da paz, da liberdade, da justiça e dos direitos humanos em todo o mundo sob vários ângulos e em todas as ocasiões possíveis. As suas encíclicas abordaram as complexas relações internacionais e ao mesmo tempo, identificaram repetidamente o "pecado estrutural" da injustiça sofrida pelos mais pobres do mundo, criticando fortemente os valores do mercado capitalista que os esmaga.

A Pax Christi sentiu-se especialmente inspirada pelo Papa João Paulo II sempre que insistia na urgência da educação para criar uma cultura de paz e não-violência. Das suas mensagens anuais para o Dia Mundial da Paz, que durante mais de 25 anos explanaram os requisitos de um mundo mais pacífico, nasceu uma síntese doutrinal sobre a paz, constituindo como que um silabário sobre este argumento fundamental. Os membros da Pax Christi em todo o mundo têm continuado a disseminar estes temas na oração, no estudo e nas acções a nível local. E continuarão a seguir o seu exemplo, impulsionados pelo apreço que ele mesmo nos manifestou directamente numa audiência, em 1995, por ocasião do 50.º aniversário da Pax Christi Internacional: "Movimentos como o vosso são preciosos. Eles tornam as pessoas atentas à violência que rompe a harmonia entre as pessoas no seio da criação. Eles participam na formação das consciências, para que, nas relações entre as pessoas e entre os povos, triunfe a justiça e a procura do bem comum."

João Paulo II foi, como ele próprio se reconheceu, um humilde peregrino da paz. O esforço incansável, que dominou o seu pontificado, para promover a paz e eliminar a guerra como meio de resolver os conflitos, continuará seguramente a ser uma inspiração para todos os construtores da paz.

João Paulo II e a Paz Mundial

*Diogo Freitas do Amaral
antigo presidente da Assembleia Geral da ONU
e ministro dos Negócios Estrangeiros*

João Paulo II foi uma personalidade invulgar, um grande líder carismático e, simultaneamente, um homem de fé, de oração e de sacrifício. Foi um Papa excepcional, que deu nova vida, novo ânimo e nova força à Igreja Católica em geral e ao magistério espiritual e ético da cadeira de S. Pedro.

O seu pontificado foi longo, nos tempos que correm: 27 anos (de 1978 a 2005). E, entre muitos aspetos em que a ação dele sobressaiu, cumpre-me destacar a sua ação em favor da paz mundial.

O Concílio Vaticano II fora muito claro ao confirmar a longa tradição do Catolicismo a favor da Paz, que se iniciou – no plano teórico e doutrinal – com Santo Agostinho, nos séculos IV e V depois de Cristo, que na sua obra mais célebre, *A Cidade de Deus*, proclamou expressamente que, em cada país, “a paz é o supremo bem da cidade” e, em todo o mundo, “existe uma aspiração universal em direção à paz” (livro XIX, 5, 9 e 12).

O tema foi desenvolvido, com grande atualidade, pelo Papa João XXIII, na encíclica *Pacem in Terris* (1963). E João Paulo II tudo fez, no seu pontificado, pela defesa da paz mundial.

Recordo alguns momentos cruciais.

Desde logo, as duas visitas oficiais que João Paulo II realizou à Nações Unidas, reconhecendo assim a grande importância e a função essencial da organização, numa época em que tantos a ignoram ou querem menosprezar. Deu-se a coincidência de, aquando da segunda, eu ser o presidente da Assembleia Geral da ONU (outubro de 1995) e de a instituição de garantia da paz no mundo celebrar o seu 50º aniversário.

Não me escapou, nem escapou a ninguém, o alto significado da visita do Papa a essa organização internacional, bem como da atenção silenciosa e respeitadora com que foi ouvido e, ainda, da enorme salva de palmas que lhe foi tributada no fim, com a sala toda em pé, apesar de constituída por diplomatas de todos os países do mundo, incluindo nações católicas, protestantes, ortodoxas, muçulmanas, hebraica, budistas, confucionistas, animistas e outras. Não foi uma saudação protocolar; presenciei muitas naqueles doze meses; foi uma ovação ao Homem de valor e ao incansável defensor e doutrinador da Paz no mundo.

Se na primeira visita à ONU João Paulo II tinha falado da dignidade do Homem, na segunda teorizou sobre os direitos das Nações. Ele bem sabia como tinha sido difícil libertar a Polónia, sua terra natal, e os demais países da Europa de Leste.

Nos trinta minutos de conversa privada, a dois, que tive o privilégio de manter com o Papa, no meu gabinete por detrás das Mesa da Assembleia Geral, comecei por lhe dizer que era português e católico, o que lhe provocou um largo sorriso de contentamento. Foi como se, por uns instantes, estivesse ali o representante da “Nação fidelíssima”, como nos chamava Camões nos “Lusíadas”.

Conforme tinha decidido na véspera, resolvi falar-lhe no problema – ainda por solucionar – de Timor-Leste. Não devo revelar o que ouvi. Mas posso dizer que defendi calorosamente, como sempre, o direito do Povo timorense à autodeterminação e à independência; critiquei os governantes da Indonésia de então; e ousei pedir ao Papa que, no âmbito das suas funções, tentasse contribuir para ajudar a resolver o problema, que estava então caído num impasse, com grande sofrimento para os timorenses.

Sua Santidade prometeu rezar por eles e fazer tudo o que estivesse ao seu alcance. Qual não foi o meu espanto – e a minha alegria! – quando, já regressado a Portugal, tive conhecimento de que, pouco mais de um ano depois daquela conversa, o Papa João Paulo II, recebendo as credenciais do novo Embaixador da Indonésia junto da Santa Sé, em 23 de dezembro de 1996, proferiu as seguintes palavras: “Ao refletir sobre os recentes acontecimentos que atingiram Timor-Leste, faço votos por que se promova um diálogo mais fecundo a todos os níveis. Todos aqueles que, de alguma forma, são responsáveis pelo futuro de Timor-Leste devem estar persuadidos da necessidade de se alcançar uma solução justa e pacífica o mais depressa possível. Este é, desde há muito tempo, o profundo desejo da população local”.

O papel da Igreja Católica na defesa dos direitos do Povo timorense ficou reforçado a partir desta declaração. Os resultados não se fizeram esperar muito.

Em 2002, João Paulo II promoveu um grande encontro ecumé-



nico com altos representantes de outras confissões religiosas. Sendo a intolerância religiosa uma frequente causa de conflitos, muitas vezes armados, esse encontro foi um símbolo de tolerância, uma reafirmação do respeito pelo pluralismo religioso e uma luz de esperança para crentes e não crentes. E teve consequências.

Por último, não posso deixar de evocar aqui, com a maior admiração e respeito, os numerosos e incansáveis esforços do Papa João Paulo II, em 2002-03, para impedir a invasão norteamericana do Iraque, condenando-a depois de consumada, por não ser uma “guerra justa”, por não estarem esgotados os meios diplomáticos e técnicos de evitar o conflito, e por tal intervenção militar não ter sido autorizada – como precisava de ser – pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas.

João Paulo II, paradoxalmente, não foi compreendido na altura em Portugal nem em Espanha. Mas foi-o no mundo inteiro. Ele é que tinha razão. Nem sequer havia “armas de destruição maciça”: as poucas fotografias apresentadas como provas tinham sido forjadas e/ou retocadas pelos serviços secretos de uma grande potência.

O facto de a sua voz não ter sido ouvida pelos agressores em nada diminuiu a sua posição e prestígio no mundo. Pelo contrário: aumentou-lhe a estatura, a dimensão, o respeito granjeado.

Quando, em abril de 2005, assisti no Vaticano, como Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, ao lado do Presidente Jorge Sampaio, às solenes exéquias por João Paulo II, não pude deixar de me emocionar, no meio dos cânticos gregorianos e do silêncio da multidão, ao recordar, na hora da morte, a vida daquele Papa singular: um grande Homem, um grande chefe espiritual, um grande Santo.

